



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGENS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA**

HILDA REGINA PEREIRA MENEZES OLEA

BIFURCAÇÕES DE HERMES: UMA EPISTEMOLOGIA DO EFÊMERO

CUIABÁ-MT

2014

HILDA REGINA PEREIRA MENEZES OLEA

BIFURCAÇÕES DE HERMES: UMA EPISTEMOLOGIA DO EFÊMERO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea na Área de Concentração Estudos Interdisciplinares de Cultura, Linha de Pesquisa Epistemes Contemporâneas.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Leite

**Cuiabá-MT
2014**

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

P436b Pereira Menezes Olea, Hilda Regina.
Bifurcações de Hermes: uma epistemologia do efêmero / Hilda Regina Pereira
Menezes Olea. -- 2014
69 f. ; 30 cm.

Orientadora: José Carlos Leite.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de
Linguagens, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea,
Cuiabá, 2014.
Inclui bibliografia.

1. Interdisciplinaridade. 2. Bifurcações. 3. Conhecimento. 4. Deriva. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO-GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA
Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2367 , - Boa Esperança - Cep: 78060900 - CUIABÁ/MT
Tel : (65) 3615-8428 - Email : ecco@ufmt.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: Bifurcações de Hermes: Uma epistemologia do efêmero

AUTORA: Hilda Regina Pereira Menezes Olea

Dissertação defendida e aprovada em 10 de março de 2014.

Presidente da Banca / Orientador: Doutor José Carlos Leite.
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

Examinador Interno: Doutor Silas Borges Monteiro.
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

Examinador Externo: Doutor Eduardo David de Oliveira.
Instituição: UFBA.

CUIABÁ, 10 de março de 2014.

Hilda e Vespasiano, ao concederem-me a vida, vocês engendraram todos os meus possíveis.

Estas linhas tortas são para vocês, que por ano a fio derramaram seu suor em terra alheia para garantir nosso pão.

Minha gratidão:

Ao programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, através do sincero reconhecimento ao meu orientador, Prof. Dr. José Carlos Leite que desde a graduação em filosofia tem me mostrado que para ensinar é preciso compreender o sentido do “conhecimento e da piedade”.

Ao Projeto Escrileituras: um modo de “ler-escrever” em meio à vida CAPES/INEP, edital 090/2010, não apenas por financiar esta incipiente pesquisadora, mas, sobretudo, por todos os *Encontros* que tem engendrado ao longo de sua execução. Agradeço na pessoa daquela que assina por si e por todos nós, pois ao empenhar sua assinatura a Prof. Dra. Sandra Mara Corazza institui, de direito, o Projeto Escrileituras e, em decorrência nos faz *escrileitores*. Muito obrigada!

Ao Grupo de Estudos de Filosofia e Formação (EFF) que é esse lugar de passagem, atravessado por incontáveis ruídos; essa alteridade que me afronta, me puxa, me repele e me obriga a olhar para o vórtice do redemoinho; o fluxo turbulento que hoje transubstancia na figura do Prof. Dr. Silas Borges Monteiro, que desde 2010 me convoca a (re)pensar a filosofia e a vida mesma.

Ao Prof. Dr. Eduardo David de Oliveira, cuja presença vivaz me traz alegria e serenidade. Obrigada pelo rigor e refinamento que seu olhar dirige a este trabalho.

Aos meus alunos que a cada dia ensinam-me a ser professora e que na pequena parcela de mundo que é a sala de aula, concedem-me o universo inteiro.

À Maria Helena Figueiredo minha ‘companheirinha’ de trabalho no EFF e ao Carlos Augusto, parceiro de trabalho na produção do documentário “Bifurcações”.

Às meninas da linha de pesquisa Teorias e experimentações em políticas educacionais, do EFF.

Aos grupos de pesquisa Assinatura dos Corpos e Núcleo de Estudos Contemporâneos.

Ao revisor deste texto, Raphael dos Santos. Tua afável presença torna mais leve o rigor deste período final de escrita.

À Emily, menina dos meus olhos, que há vinte anos ensina-me, diariamente, o sentido do amor e da esperança.

Ao Eduardo Olea que, a seu tempo e a seu modo, também comparece nestas linhas.

“A Filosofia tem que servir para a vida. E, não somente isso, ela deve transformar, transfigurar, transcender a vida. E a felicidade da minha vida foi ter feito filosofia. E a felicidade da filosofia é nos permitir viver da melhor maneira possível.”

(Michel Serres, em entrevista à Scarlet Marton. 08/11/1999)

RESUMO

A interdisciplinaridade, mais que uma moda pedagógica ou um procedimento didático, denota uma transformação epistemológica em curso, o que faz com que compareça nesta pesquisa sob a condição de um dos paradigmas epistemológicos vigentes na contemporaneidade. Tributária de um pensamento que confere às composições entre as áreas do saber a possibilidade heurística e a possibilidade de negociação com a violência inerente às relações de aprendizagem e de produção de saber deixa-se pensar através de uma teoria das *bifurcações*, a qual parte da concepção de que o conhecimento não é sólido, mas disperso, frágil, capaz de desaparecer a qualquer instante; o próprio objeto do conhecimento é fugaz. Este trabalho opera no sentido de apreender e experimentar tais postulados.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade, bifurcações, conhecimento, deriva.

ABSTRACT

Interdisciplinarity, more than a fad or a didactic pedagogical procedure, denotes an epistemological ongoing transformation, which makes an appearance in this research on the condition of the current epistemological paradigms in contemporary times. Tax a thought that gives the compositions of the areas of knowledge the heuristic possibility and the possibility of negotiating with the violence inherent relations of learning and knowledge production is allowed to think through a *bifurcation theory*, which starts from the conception that knowledge is not solid, but scattered, fragile, able to disappear at any moment, the object of knowledge itself is fleeting. This work operates to learn and experience such postulates.

Keywords: Interdisciplinary, bifurcations, knowledge, derives.

SUMÁRIO

PROÊMIO	10
EXCURSO	14
TRAÇADO	16
INVENÇÃO	20
CRIAÇÃO	25
UMA EPISTEMOLOGIA DAS PASSAGENS	31
A EPISTEMOLOGIA FLUIDA	32
O MÉTODO DA DISPERSÃO	38
A BIFURCAÇÃO SERREANA	40
ARLEQUIM: O ENCONTRO ENTRE O VERBO E A CARNE	44
EXPERIMENTAÇÃO DAS BIFURCAÇÕES	48
AURORA	49
RETALHOS	50
DERIVA	53
ENTRE	54
TRANSUBSTANCIAÇÃO	55
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 58
 ANEXO	 60

PROÊMIO

Certa vez Alessandra Abdala disse-me: “no coletivo elegemos as vozes que queremos ouvir”. É sob inspiração dessa máxima da graciosa e aguda Abdala que procuro compreender minha escolha. Creio que em meio à polifonia que constitui minha formação acadêmica, elegi a voz de Michel Serres em virtude do paradoxo que ecoa em cada linha de seus textos, a saber, uma paixão pela intensidade e fluidez dos ruídos, concomitante a uma necessidade de interstícios povoados de solidão e silêncio. Sua voz discorre sobre as filigranas da existência com tal propriedade e elegância, como jamais eu poderia fazer, mas, honestamente, gostaria de fazê-lo.

Escolho-o porque como ele, acolho de bom grado a contradição, porque me afasto da noção de erro em favor da ideia de errância; não preconizo a uniformidade de pensamento, pois a divergência, creio, é condição primeira para se fazer boa filosofia. Mas, sobretudo, o escolho porque digo não ao binarismo que fundamenta a violência das *disputacios* improfícuas que compõe nossas práticas acadêmicas, as quais, no meu entendimento, são antipedagógicas e mantêm ainda, em pleno século XXI, nossos sentidos entorpecidos pelo luxo técnico da escolástica, impedindo-nos de constituir um caminho do meio, entre a tautologia e a crença.

Beber da fonte de Serres implica assentir que a própria existência é movimento e que toda a estabilidade é apenas um artifício que criamos para lidar com a fluidez. É da água que um oficial da marinha, que se torna filósofo, cria significados para a vida e, a partir dos fluxos, elabora sentidos para a ciência, a filosofia e a arte. Áreas do *saber-fazer* humano que em sua obra acham-se *mestiças*, com limites indiscerníveis e conteúdos intercambiáveis.

Nesse sentido sou uma usurpadora, oportunista e traidora de Serres, pois me aproprio de seus escritos com esganção. Faço com eles o que bem entendo porque gostaria que fossem meus, e os são, na medida em que os manipulo, não de modo vilipendioso, ao contrário, incorporo-os, busco neles próprios as *bifurcações* serreanas, a fim de (re)significá-las.

Uma das traições que cometo com Serres, é inscrevê-lo no *hall* da Epistemologia Francesa, perfilado com seu mestre Gaston Bachelard, com Georges Canguilhem e de seu

ex-amigo Michel Foucault, de quem foi um cuidadoso interlocutor quando da elaboração de *As palavras e as coisas* (1966). Faço-o de forma consciente ao apresentar sua *Epistemologia Fluida* como uma teoria epistemológica que deixa pensar as questões relativas ao fenômeno da *Interdisciplinaridade*, enquanto paradigma epistemológico da ciência contemporânea.

Faço-o através de Serres porque se afasta do modo dogmático de como fazemos *logos* sobre as ciências, pois, tradicionalmente, em raros casos fazemos um metadiscurso, ao contrário, o que geralmente ocorre é uma tentativa de reproduzir os métodos científicos de modo discursivo, isto é, usamos o método para falar dele mesmo, ou ainda, falamos sobre ciência tentando imitá-la. Há nisso, ao que me parece, dois equívocos: o primeiro é o de que a ciência necessita que a epistemologia faça uma reflexão sobre ela, o que não é verdade, pois qualquer tipo de saber, científico ou não, opera muito bem por si mesmo e se auto regula sem que a filosofia lhe aponte os caminhos.

Sem dúvidas é necessário que a filosofia fale sobre as ciências, mas não de um modo que demonstre quanto o filósofo também sabe fazer ciência - o que lhe garantiria um convite para a festa dos cientistas - mas demonstrando o quanto o filósofo sabe fazer filosofia, ao discutir as questões nas quais está imerso este ou aquele tipo de saber. Dessa forma, meu *telos* ao estudar as epistemes filia-se àquilo que Bombassaro (1992) denomina *Tendência Epistemológica Histórica* ou *Nova Filosofia da Ciência*, cuja finalidade é a de contrapor-se à epistemologia tradicional, que estuda o conhecimento científico de forma simplista, apenas a partir de seus enunciados lógicos, deixando de lado a ação dos homens que produzem a ciência, bem como as implicações desta para a vida humana e não a tentativa de demonstrar uma alta performance na reprodução de um método. O método não é finalidade em si mesmo, alias, é ele e os desdobramentos de sua aplicação que merecem ser questionados.

Isto encaminha para o que identifico como sendo o segundo equívoco da epistemologia contemporânea, que é o de considerar que sua metodologia – elaboração de comentários pseudocientíficos – é o único modo válido para falar das ciências. Aliás, esta suposição encontra-se vinculada ao modelo analítico inaugurado pela ciência moderna e aos ideais humanistas, modelos ideais que, já há algum tempo, têm se mostrado insuficientes para abarcar a totalidade e a complexidade do mundo

contemporâneo. É por essa via de entendimento que acontece meu encontro com a filosofia de Michel Serres.

Pensar questões tendo a filosofia como abrigo já requer certo grau de abstração, porém, quando se trata da filosofia serreana implica ainda assumir o risco onde nosso próprio lugar de observador desloca-se o tempo todo. Isso porque o objetivo do pensador é construir fora do sólido, é produzir saber compondo-o com fluidos e névoa. Assim, por navegar no veleiro de Serres, assumo de pronto que não tenho um objeto concreto de pesquisa, investigo apenas um pensamento acerca do saber, e que por orientar-me através da sua bússola, ao falar sobre epistemologia, falo também sobre todos os saberes – sejam eles científicos ou não.

Haverá algo mais fantasmagórico, mais gasoso do que uma concepção, um pensamento? Ocorre-me que não, por isso aceito o desafio de Serres e proponho-me a dissertar sobre sua concepção de conhecimento, que a partir da filosofia perpassa a ciência e a arte, unificando-as como faces do humano. Faço-o tentando escoar o pensamento e o mundo para a palavra, desejando que a linguagem líquida, escorrida, consiga permear minimamente os vãos da rígida estrutura acadêmico-científica tão preocupada com métodos que, mesmo diante do apelo interdisciplinar do mundo contemporâneo, faz “ouvidos de mercador” à complexidade e às diferenças.

Assim, para acompanhar a proposta deste trabalho, requer assentir que concepções filosóficas válidas compreendem que há no tempo presente um modo de produzir conhecimento diverso daquele consolidado pela modernidade, e que a *interdisciplinaridade* é hoje um paradigma epistemológico que se coloca como alternativa ao modelo analítico de investigação, caracterizado pelos processos de fragmentação e especialização. Dessa forma, o pensamento interdisciplinar não comparece nesta pesquisa na condição de uma proposta pedagógica ou como recurso metodológico. Antes, refere-se a uma mudança de padrão, figura como pano de fundo da capacidade do homem de criar e aceitar mudanças nos campos do saber.

Minha aposta é a de que a Epistemologia fluida de Michel Serres é um discurso filosófico capaz de pensar questões elementares à interdisciplinaridade, motivo pelo qual a primeira parte deste texto é destinada a promover uma aproximação com o pensamento desse autor. Para tanto adoto a “trindade da filosofia”– traçar, inventar e criar– de Deleuze e Guattari (1992), via pela qual procuro demonstrar as condições nas

quais se constitui a filosofia de Serres, o modo como opera e os conceitos que cria. Procuro, ainda, demonstrar o porquê da mobilização destes conceitos nesta pesquisa.

A segunda seção deste trabalho procura apresentar a teoria serreana, cuja proposta é a produção de um discurso científico, não epistemológico, baseado na ideia de passagens, nas quais os fluxos do saber se dissipam. Interdisciplinar por excelência, a filosofia de Serres realiza *bifurcações* entre as diferentes áreas do saber através da figura dos operadores de aproximações, tais como o deus Hermes da mitologia grega e Arlequim, personagem da *commedia dell art*. Essa forma de pensar sobre o conhecimento, inaugurada pelo filósofo francês, exige que nós, pesquisadores, um dia saíamos das bibliotecas, dos laboratórios e exponhamos nossos corpos a todas as intempéries, para que neles se inscreva o conhecimento, para que nos tornemos *mestiços*. Motivo pelo qual a última seção deste trabalho – ainda em fase investigação e sistematização de resultados – destina-se a explorar uma experimentação que ousou denominar *Bifurcações*, na qual tento criar aproximações entre esta dissertação, enquanto representante do pensamento científico, a filosofia de Michel Serres, a literatura e a dança, enquanto formas de expressão artística.

EXCURSO

No desvio de algum rincão do universo inundado pelo fogo de inumeráveis sistemas solares, houve uma vez um planeta no qual os animais inteligentes inventaram o conhecimento. Este foi o minuto mais soberbo e mais mentiroso da história universal, mas foi apenas um minuto. Depois de alguns suspiros da natureza, o planeta congelou-se e os animais inteligentes tiveram de morrer.

Esta é a fábula que se poderia inventar, sem com isso chegar a iluminar suficientemente o aspecto lamentável, frágil e fugidio, o aspecto vão e arbitrário dessa exceção que constitui o intelecto humano no seio da natureza. Eternidades passaram sem que ele existisse; e se ele desaparecesse novamente, nada se teria passado; pois não há para tal intelecto uma missão que ultrapasse o quadro de uma vida humana. Ao contrário, ele é humano e somente seu possuidor e criador o trata com tanta paixão, como se ele fosse o eixo em torno do qual girasse o mundo. Se pudéssemos entender a mosca, perceberíamos que ela navega no ar animada por essa mesma paixão e sentindo em si que voar é o centro do mundo. Nada há de tão desprezível e de tão insignificante na natureza que não transborde como um odre ao menor sopro dessa força do conhecer, e assim como todo carregador quer também ter o seu admirador, o homem mais arrogante, o filósofo, imagina ter também os olhos do universo focalizados, como um telescópio, sobre suas obras e seus pensamentos [...].

(Nietzsche, Sobre a verdade e a mentira no sentido extra moral, § 1)

TRAÇADO

Lembram-nos Deleuze e Guattari (1992) que o perigoso exercício de pensar requer, simultaneamente, duas ações: a criação de conceitos e a instauração de um solo no qual os conceitos são criados. Este chão funciona como suporte para a criação filosófica, portanto, é pré-filosófico, não por que precede a filosofia, mas por que não existe fora dela. É o pressuposto que aparece no modo como os conceitos filosóficos remetem para uma compreensão não conceitual ou intuitiva.

A este chão dos conceitos os autores denominam *Plano de Imanência*. “Plano” e não projeto, nem programa, nem método. É imanente por que não vive fora de suas próprias linhas intuitivas e intensivas. Compreender uma proposta filosófica implica, portanto, conhecer a pátria que dá testemunho de seu pensador, ou ainda, implica conhecer as relações entre o território (ou desterritorialização) e o pensamento. Assim sendo, a fim de produzir uma aproximação com o pensamento do filósofo Francês Michel Serres, adoto o modo de Deleuze e Guattari para explorar sua filosofia, ou ao menos parte dela, já que, para atender as necessidades conceituais desta pesquisa, efetuo um recorte na vasta obra serreana.

Mas, o que é que justifica esta escolha? Por que entendo que posso perscrutar o pensamento de um autor usando como meio o pensamento destes outros autores? Primeiro porque os três pertencem à mesma geração da filosofia francesa, suas questões filosóficas e abordagens conceituais estão intrinsecamente relacionadas, como por exemplo, a tríplice relação Ciência, Arte e Filosofia, que é fundante em ambas as filosofias.

Em segundo lugar porque Michel Serres vê em Gilles Deleuze um intelectual que, na violenta dinâmica das instituições universitárias, foi posto para fora do jogo, mas, que diante desse fato:

Libertou-se da história tradicional da filosofia, das ciências humanas e da epistemologia: é um excelente exemplo do movimento dinâmico de um pensamento livre e inventivo [...] o mais belo elogio que lhe posso fazer é que o pensamento filosófico o tornou verdadeiramente feliz. Profundamente sereno. E, portanto, mais uma vez exemplar. (SERRES, 1997. p. 57-58).

Afirma ainda, na mesma obra, que “a filosofia cria, para além de conceitos, personagens; o próprio Deleuze o disse ainda a pouco, melhor do que eu poderia fazê-lo” (SERRES, 1997.). Enquanto Deleuze, a seu turno, cita Serres ao menos uma vez, senão mais, em *O que é a filosofia?* para explicitar a relação entre a atividade científica e o caos (DELEUZE e GUATTARI, 1992).

Por último, esta escolha justifica-se em virtude do paralelo que Deleuze e Guattari estabelecem entre o que é o problema da filosofia e o que é o problema da ciência. Ora, esse é o ponto fulcral da obra de Michel Serres. É possível afirmar, aliás, que essa relação é o próprio território do pensamento serreano. Sua filosofia busca na ciência o rigor da demonstração, enquanto na literatura e na mitologia, busca a explicação através de aproximações, circunstâncias que lhe conferem um estilo próprio. Toda a sua filosofia visa discutir as relações éticas oriundas da oscilação entre os limites da referência e a velocidade do conceito. Questões que, para Deleuze e Guattari, concernem à especificidade do fazer filosófico e científico:

O problema da filosofia é [...] dar consistência sem nada perder do infinito é muito diferente do problema da ciência, que procura dar referência ao caos, sob a condição de renunciar aos movimentos e velocidades infinitos, e de operar, desde início, uma limitação de velocidades: o que é primeiro na ciência é a luz ou o horizonte relativo. A filosofia, ao contrário, procede supondo ou instaurando o plano de imanência: é ele, cujas curvaturas variáveis conservam os movimentos infinitos que retornam sobre si na troca incessante, mas também não cessam de liberar outras que se conservam. (DELEUZE e GUATTARI, 1992. p. 53)

Compreender, à luz de Deleuze e Guattari, o problema suscitado pela filosofia de Serres requer conceber como seu pensamento produz um corte no caos, ou seja, como atua na oscilação descrita acima. Assim, se faz necessário responder: qual é a imagem do pensamento que reside na filosofia de Serres? O que é de direito em seu pensamento? Como esse pensamento se orienta? Responder a estas perguntas implica uma incursão por sua formação; não só a procura de dados biográficos, mas também a procura deles, pois Serres é um pensador que não faz uma separação entre vida e obra e, portanto, não hesita, em tornar operatórias suas experiências vividas, ao elaborar seus conceitos filosóficos.

Graças a sua produtiva longevidade Serres presenciou o que denomina *as três revoluções da ciência*, quais sejam: a bifurcação das matemáticas, a passagem da física clássica para a mecânica quântica e o surgimento da bioquímica contemporânea. Ao

ingressar na École Normale viveu, através da matemática, sua primeira grande revolução científica e intelectual, “um extraordinário abalo que alterou toda a minha vida” (SERRES, 1997). Vinha dos estudos da matemática clássica e deparou-se com a noção matemática de estrutura, a álgebra moderna e a topologia.

Na física presenciou uma revolução análoga a do método algébrico. Mais tarde dirigiu sua atenção à teoria da informação, às questões relacionadas com a turbulência, a percolação, a desordem e o caos. A física, nesse período, mudava e revelava um mundo inteiramente novo: “já não se sente o mesmo vento, já não se sentem as mesmas vagas nem as mesmas margens depois das curvas fractais como antes delas, depois dos atratores estranho, como antes deles”; “uma tempestade semelhante varreu justamente as ciências da vida” (Idem).

Originário da área das ciências, Serres realizou sua passagem para a filosofia por uma exigência selvagem de liberdade de pensamento, porém percebeu que a epistemologia não operava sobre as revoluções científicas que presenciara. A filosofia discutia modelos científicos ultrapassados e sequer tratava da violência da época; nela não se escutou o barulho de Hiroshima! Assim como nas ciências, na filosofia Serres também permaneceu um estrangeiro, um viajante sem território fixo. Por não pertencer a nenhuma das “auto-estradas” filosóficas – que reproduziam a violência no âmbito acadêmico –, afirma ter se formado como autodidata ao ter aprendido filosofia fora dos lugares onde reputedamente era ensinada, “aprendi quase tudo no exterior e quase nada no interior” (Ibidem).

Devido ao distanciamento entre os comentários filosóficos e a vida mesma Serres abandona a epistemologia, ou melhor, a ideia de filosofia como comentário, em favor de uma filosofia da criação. Comentar as ciências não passa de “uma glosa exterior, redundante e inútil” (SERRES, 1997). É em virtude da ação criadora que a filosofia se diferencia da publicidade e o filósofo do cronista. A verdadeira epistemologia inventa aproximações, cria passagens do antigo para o novo. Sair das ciências e permanecer na filosofia foi uma necessidade imposta por mais uma transformação. Trata-se de uma questão íntima, mas também da relação entre ciência e sociedade, entre conhecimento e moral. Sobre isso afirma que

Depois da bomba atômica, tornava-se urgente repensar o otimismo cientista. [...] Peço aos meus leitores que ouçam o deflagrar deste problema em todas as páginas dos meus livros. [...] Não se podia, na época, trabalhar em física sem ser abalado pela repercussão universal

de Hiroshima. Ora, a epistemologia tradicional não levantava ainda nenhuma questão sobre a relação da ciência e da violência. (SERRES, 1997. p. 26-28)

Se as três primeiras revoluções diziam respeito aos métodos das ciências, esta se refere à moral, à sociopolítica e à filosofia. Serres declara-se formado intelectualmente pelas revoluções internas da ciência e filosoficamente pela estreita relação desta com a violência. De modo que discutir a questão da responsabilidade científica, a dimensão ética, social e política da produção do conhecimento tornam-se o centro de sua obra ainda na juventude.

Assim, a imagem de paz é uma resposta possível – e certamente não a única – acerca da imagem de pensamento que funda a filosofia serreana, entretanto, observe-se que não se trata de uma concepção pacificadora utópica; trata-se de uma paz que trás implicitamente suposta a possibilidade de negociação com a violência, que surge dos pactos firmados nas passagens; surge nas coordenadas de um pensamento engendrado pelos abalos das revoluções e orientado pela deriva. As bifurcações lhe são concernentes por direito.

É na criação de bifurcações entre as referências estáveis dos enunciados científicos e a variabilidade dos conceitos fluidos que reside a possibilidade da paz. Noutros termos, há sempre perigos e, portanto, a necessidade de acordos nos encontros do eu com o mundo e com os outros. Assim, se ao *cogito* cartesiano subjaz uma espécie de senso pré-filosófico como: *todo mundo sabe que duvidar significa pensar e que pensar significa ser* (DELEUZE, 1968), como “cogito” para a filosofia de Serres podemos sugerir algo como: *sabemos que a violência não pode ser extinta, mas podemos realizar acordos e negociar a paz.*

INVENÇÃO

Conforme já explicitado, a filosofia pensa seus objetos a partir da formação de dois elementos correlatos, porém, pertencentes a naturezas distintas, a saber, a criação de conceitos e o traçado do plano de imanência. Todavia, apresentei também a observação de Serres de que a filosofia, para além de conceitos, cria personagens conceituais; mas, de acordo com Deleuze e Guattari (1992), é vital não confundir personagens de diálogo com personagens conceituais. Ambos podem coincidir

nominalmente, porém, divergem quanto ao papel que desempenham na obra de um autor.

Enquanto os personagens de diálogo apenas expõem os conceitos, os personagens conceituais agem no território do pensamento a fim de criar os conceitos sobre este solo. De forma que, se o plano de imanência é o suporte para a criação do conceito filosófico, os personagens conceituais são os agentes que o determinam dentre a infinidade de conceitos possíveis. Dito de outro modo, essas figuras são existências fluidas que se colocam entre o conceito filosófico e a pátria do pensamento do filósofo, isto é, seu plano pré-filosófico.

No jogo de linguagem serreano dir-se-ia que os personagens conceituais são responsáveis por criar as passagens, o diálogo entre as áreas do conhecimento, bifurcar as teorias e criar aproximações no tempo. Estes personagens são agentes de comunicação que descrevem em seus movimentos o traçado do plano, assim como a pele zebrada de Arlequim traça o roteiro de suas viagens. A este propósito, vale destacar que a filosofia de Michel Serres está repleta, implícita e explicitamente, destas figuras.

Segundo Deleuze e Guattari (1992), a existência de tal personagem é condição necessária para a construção filosófica, mas, nem sempre aparece de modo explícito, pode aparecer por alusão no texto dos filósofos, “todavia, está lá; e, mesmo não nomeado, subterrâneo, deve sempre ser reconstruído pelo leitor”. Levando em conta que os personagens conceituais descrevem o plano pré-filosófico do pensamento e efetuam a criação do conceito, indago: Quem são os personagens conceituais da filosofia que serve de base para este trabalho? Qual a sua natureza? São todos nomeados por Serres ou alguns escapam até mesmo ao autor, cabendo a nós leitores, encontrá-los sob o *logos* serreano?

Em sendo a proposta deste trabalho a de dissertar sobre as passagens entre as áreas do conhecimento e a sua relação com a produção de saber, responder-se-ia prontamente às questões acima enumerando *Hermes, Arlequim, o Terceiro Instruído, o Mestiço*; o que está correto, uma vez ambos são personagens conceituais que operam na obra Serres e serão, na sequência, abordados. Porém, apesar de sensata, esta é uma resposta evidente, que me obriga a vasculhar melhor o mapa do pensamento do meu autor de trabalho.

Se no segmento acima afirmo que o plano pré-filosófico do pensamento de Serres é um tipo de paz negociada, engendrada por bifurcações, então, aqui, ao pensar sobre os

personagens conceituais, se faz necessário perguntar: quem são os agentes negociadores? Quem produz essas bifurcações? Contudo, a estas questões há ainda outra que, necessariamente, lhes precede: donde vem, quem é que produz a violência que não pode ser extinta, mas, apenas limitada por acordos? Para respondê-las tomo como ponto de partida as afirmações:

Não tive professor, nem escola em que me filiasse, nem qualquer grupo de pressão. Repito-lhe: passei pelas melhores escolas, tornei-me, em última instância, num autodidata. [...] não tive mestres, mas tive formadores. Feito o balanço, fui realmente formado por três revoluções. [...] Portanto, fui formado intelectualmente pelas revoluções internas da ciência e filosoficamente pela relação interna e externa, da ciência com a violência. Esta última questão domina tudo até hoje, desde a vida ao conhecimento (SERRES, 1997. p. 19-30).

Parece-me que nestas passagens jazem alguns personagens não nominados que agem no pensamento de Serres. Com razão pode-se, neste caso, exercitar a distinção oferecida por Deleuze e Guattari (1992) entre os personagens “antipáticos”, que são aqueles que marcam os aspectos negativos inerentes ao plano, dos quais derivam conceitos de caráter repulsivo, mas, igualmente constitutivos da filosofia de determinado autor. Por outro lado, encontram-se os personagens “simpáticos”, que registram os bons sentimentos e os movimentos positivos.

Mas, antes de prosseguir com a tipificação dos personagens conceituais ocultos na filosofia de Serres, convém frisar que:

O personagem conceitual não é o representante do filósofo, é mesmo o contrário: o filósofo é só o invólucro de seu principal personagem conceitual e de todos os outros que são os intercessores, os verdadeiros sujeitos de sua filosofia. [...] Eu não sou mais eu, mas uma aptidão do pensamento para se desenvolver através do plano que me atravessa em vários lugares. O personagem conceitual nada tem de personificação abstrata, um símbolo ou uma alegoria, pois ele vive, ele insiste. O filósofo é a idiosincrasia de seus personagens conceituais. (DELEUZE e GUATTARI, 1992. p. 78)

Desta forma, entendo que algumas das idiosincrasias que constituem o filósofo Michel Serres podem ser apontadas através de alguns intercessores e de personagens conceituais não nominados que, certamente, não são assim considerados pelo próprio autor; aqui, ao propô-los como personagens conceituais e ao nominá-los, escrevo com minha própria pena. São eles: os Professores e os Formadores.

Como quase tudo na obra de Serres, há um paradoxo na relação que seu pensamento estabelece com estes que denomino personagens conceituais ocultos. Começamos pela ambiguidade dos personagens Professores. Eles comparecem no

pensamento de Serres produzindo determinações conceituais absolutamente diversas. Se por um lado temos o professor como agente determinante do *corpo completado*, por outro são os professores os principais responsáveis pela suposta *violência* nas universidades¹.

Serres inicia o texto *Filosofia mestiça* ou *O Terceiro instruído* (1993)- obra em que discorre sobre as travessias do ensinar e do aprender - com o agradecimento a um professor que participou de sua alfabetização e o ensinou a escrever com a mão direita, mesmo sendo ele canhoto. Dir-se-ia: “uma violência contra o corpo”, todavia, para o filósofo, este foi um dos acontecimentos mais revolucionários da sua existência, pois, com essa experiência ganhou um novo corpo, nem destro, nem canhoto, mas completado; um corpo reconciliado pela amizade entre os dois lados; um corpo para o amor e para a tolerância.

Vejamos se não é o conceito vital de sua obra - a paz - que aí comparece? Quando Serres explora exaustivamente em diversos textos a participação do corpo na aprendizagem e na produção do conhecimento, não estaria ele sendo apenas um invólucro para idiosincrasia de um personagem conceitual? Quando dedica a obra *Variações sobre o corpo* (2004) aos seus professores de ginástica, seus treinadores e guias de montanhismos por serem eles os que verdadeiramente lhe ensinaram a pensar, não é essa dedicatória a mesma aptidão de pensamento atravessando-o em outro lugar? Sim, eu diria. É sempre e novamente o corpo como de possibilidade de metamorfoses. É o pensamento sendo engendrado pelo vivido.

Inicialmente poderíamos dizer que o personagem conceitual Professor ocupa o lugar de um personagem “simpático” na filosofia de Serres, mas, e a outra face de sua formação, a da violência intelectual, e por que não dizer violência moral? E a segregação das áreas do saber? E as auto-estradas acadêmicas? Inegavelmente o problema da violência está intimamente ligado às guerras que o autor vivenciou desde a infância, as quais culminaram na segunda Guerra Mundial, mas, intelectualmente, esta experiência encontra-se refletida nas relações entre a ciência e a violência.

Conforme já citado, Serres afirma que a ciência estabelece relações internas e externas com a violência. Por tais relações externas podemos entender os desdobramentos sociais, políticos e econômicos do conhecimento científico e de seus

¹ Importante ressaltar que as Universidades são as instituições que comparecem na obra de Michel Serres, não obstante, esta análise aplica-se a todo o sistema de educação formal.

artefatos. Já internamente, a ciência relaciona-se com a violência no âmbito da produção do conhecimento e seus métodos. É nesse sentido que, ambigualmente, os personagens Professores tomam parte na face negativa dos personagens conceituais:

O meio intelectual do pós-guerra, entre 1947 e 1960, reagiu a sua maneira, não sei como o exprimir, a essa série de acontecimentos, para construir uma das sociedades mais terroristas que a *intelligentsia* francesa jamais formou. Nele nunca conheci liberdade. Na École Normale Supérieure, como noutras partes, reinava o terror; poderosos grupos mantinham mesmo por vezes alguns tribunais, como júris constituídos, para neles se acusar este ou aquele delito de opinião, apelidado crime intelectual[...] Uma vez mais prefiro esquecer esse meio do que descrevê-lo em por menor. Não falo dos conteúdos intelectuais, mas da ambiência. (SERRES, 1997. p. 14)

As “auto-estradas” da ambiência intelectual entre os anos 50 e 60 do século XX eram o marxismo, a fenomenologia, as ascendentes ciências humanas e sociais e por último a epistemologia, que ao importar epistemologia de língua inglesa, suplantava a tradição epistemológica francesa. Serres recusou-se a sucumbir às exigências de qualquer um desses grupos de pressão, embora tenha defendido sua dissertação sob a orientação de Gaston Bachelard, representante da última via.

Recusou-se a seguir a via da epistemologia por considerá-la um caminho inútil, como apenas um comentário mal feito acerca das ciências. A filosofia utiliza modelos ultrapassados para discutir a ciência. Temos hoje um novo mundo e novos corpos, mas a filosofia continua discutindo-os por paradigmas antigos (SERRES, 2003.). Este é um dos motivos pelos quais se distancia do projeto epistemológico de Bachelard. Seu *novo espírito científico*², para Serres (1997), já estava ultrapassado.

Quando afirma o papel dos *cinco sentidos* na produção do saber, Serres não estará sendo ainda, mobilizado, às avessas pelo *corde epistemológico* de seu orientador? E quando afirma que só se produz na solidão e que os debates acadêmicos são improfícuos, não estaria ainda reagindo aos sentimentos negativos suscitados pelos grupos de pressão? Não seria, então, boa parte de sua obra engendrada por esses personagens conceituais “antipáticos”, os Professores?

A sombra da ambiguidade parece projetar-se também sobre o segundo tipo de personagens conceituais ocultos da filosofia serreana, que nomeiei como Formadores. Estes eram homens das ciências e foram os responsáveis pelas três grandes bifurcações

² Obra na qual Gaston Bachelard afirma que as ciências anteriores, por se ligarem em boa medida ao empirismo, representavam uma continuidade do senso comum, enquanto o espírito científico de seu tempo (década de 30 do século XX) produz uma ruptura epistemológica entre ciência e senso comum.

que aconteceram na filosofia de Serres. Mas, acrescenta-se a estas o advento de Hiroshima, que foi a quarta grande revolução vivenciada pelo filósofo e que deixa uma marca indelével em toda a sua produção filosófica. A esta experiência alia-se também uma figura formadora – desta vez ligada à filosofia – que lhe fornece instrumentos para pensar o problema da violência epistêmica.

A sua primeira grande transformação de pensamento, a “deslumbrante descoberta de um novo mundo” (SERRES, 1997.), se deu na bifurcação entre as matemáticas clássica e a moderna. No seminário Bourbaki³ foi reeducado por cientistas de sua geração, responsáveis pelo renascimento da matemática no século XX, teoricamente fundamentado pela *Teoria dos conjuntos*. Já na Física foi fortemente influenciado pelas teorias de Léon Brillouin, especialmente no que concerne à *Teoria da informação*, pois nela encontrou a conjunção entre física e filosofia. A terceira revolução vem de seu encontro com Jacques Monod, com quem aprendeu a bioquímica contemporânea.

Mas, por que motivo é possível afirmar que estes cientistas tornaram-se personagens conceituais “simpáticos” no pensamento de Serres e não somente seus interlocutores? Pela simples razão de que o solo de suas teorias continua a ser traçado ainda hoje pelo filósofo, isto é, todas essas três revoluções foram movidas por uma disposição em comum, a saber, a ideia de relação, noção que é, inegavelmente, o sopro vital dos conceitos criados pela filosofia de serreana.

No entanto, parece haver aí um contra-senso. Estes personagens são homens de ciência; pessoas que Serres afirma terem-no iniciado em novas perspectivas científicas e intelectuais. Porém, tais personagens pertencem à mesma categoria de pessoas que conceberam o artefato científico responsável pela maior expressão de barbárie da humanidade: a Bomba Atômica.

Há ainda mais uma figura que atua no plano do pensamento serreano:

Simone Weil, a primeira filósofa que realmente falara da violência, em todas as suas dimensões: antropológica, política, religiosa e mesmo científica; nenhum dos meus livros deixa verdadeiramente de lado esta questão, que é, obviamente, um resultado da minha experiência,

³ Nicolas Bourbaki é o heterônimo coletivo utilizado por um grupo de matemáticos, em sua maioria franceses, sob o qual escreveram livros que fundamentaram a matemática moderna. As publicações, que se iniciaram em 1935 e foram até 1983, tiveram como propósito fundamentar toda a matemática moderna na teoria dos conjuntos. As Associação dos colaboradores de Nicolas Bourbaki possuem um gabinete na *École Normale Supérieure*, em Paris. Conforme: http://pt.wikipedia.org/wiki/Nicolas_Bourbaki. Acesso em: 28 jan. 2014.

histórica e intelectual, mas também pensada, pela primeira vez com toda a intensidade, por essa mulher fora do comum, cuja obra admirei desde o seu começo. (SERRES, 1997. p. 31)

É sob influência da obra de Simone, na qual a filósofa analisa as relações entre a ciência e a sociedade, que Serres se demite da Escola Naval e troca as ciências pela filosofia. Se os personagens das três revoluções são responsáveis pela determinação dos conceitos filosóficos concernentes a ciência, esta determina a bifurcação conceitual entre as ciências e as humanidades.

CRIAÇÃO

Além dos personagens conceituais ocultos, a obra de Michel Serres conta com personagens que comparecem explicitamente em seus textos e são assim designados por ele. Dentre eles destaco três, que são os personagens conceituais responsáveis pela atualização dos conceitos que operam nesta dissertação. Assim, dedico esta seção à apresentação das aptidões de pensamento disparadas por tais personagens; concomitantemente aos conceitos filosóficos que engendram e seus respectivos papéis neste trabalho. São eles: Hermes, Arlequim e o Terceiro instruído.

Porém, antes de partirmos para a articulação entre os personagens e seus respectivos conceitos cumpre salientar algumas especificidades concernentes aos conceitos filosóficos explicitados por Deleuze e Guattari (1992), sem as quais não poderíamos afirmar que expressões tais como *tempo amarrotado*, *êxodo*, *mestiçagem*, entre outras, são conceitos filosóficos que se constituíram como tal, no seio da obra filosófica serreana.

A primeira característica que demarca os conceitos filosóficos é a multiplicidade. Não há conceito sem componentes e nem todos estes personagens são filosóficos. A segunda confere aos conceitos contornos irregulares, isto é, não são fechados e acabados em si mesmos, antes, dizem de articulações, aproximações e sobreposições. Recordemo-nos, na esteira destes pensadores, que os conceitos emergem do caos, ou seja, são atualizações das disposições de pensamento dos personagens conceituais, produzidas no plano de imanências, que, por sua vez, é um corte transversal no caos. Dito de outra forma, e já encaminhando para a ação dos personagens e conceitos neste trabalho, não há uma ordem segundo a qual se dá a existência ou o funcionamento do mundo. Contrariamente, o que existe são fluxos, intensidades e velocidades. Nossa ação consiste

em elaborar discursos para que possamos lidar com tais variações. Tanto para Deleuze e Guattari quanto para Serres, alguns dos meios para organizarmos nossa experiência e elaborarmos nossos discursos são: a Ciência, a Filosofia e a Arte.

Segundo Deleuze e Guattari (1992), a ciência atua através da produção de uma espécie de desaceleração do caos ao criar referências para os enunciados científicos, enquanto que a filosofia tenta criar conceitos que mantenham uma estreita relação com as velocidades infinitas. Eis o grande desafio de Michel Serres: propor-se a construir um discurso científico em “corte de epistemologia”, a partir de conceitos que tentam demonstrar-nos que as próprias referências das proposições científicas são fluidas, ou seja, estão em interação com contextos de formação, são vivas e pulsam no ritmo do mundo.

Por esse motivo, os conceitos serreanos explicitados nesta dissertação, mais do que denotar objetos de referência, tentam explicitar relações. São tornados operatórios com o intuito de remeter para a dimensão prática das relações entre o eu, o mundo e os outros, abstando-se da perspectiva de que agimos no mundo segundo uma subjetividade solipsista, mas, contrariamente, através de uma espécie de intersubjetividade, que se compõe nas circunstâncias mesmas das relações.

Pode-se dizer que o que está em questão é uma ética das relações. Mas relações entre quem? Do quê com o quê? De quem com o quê? A ampla obra de Michel Serres ocupa-se em pensar as relações entre os homens, entre estes e o mundo, entre os humanos e o conhecimento, entre as áreas do saber e entre a ciência e a sociedade. Enfim, é uma filosofia que se ocupa, sempre, de determinados temas em suas interações. Assim, uma noção vital a este pensamento é a de comunicação. Se existem relações é por que algo passa; passa pelo *entre* e vai de um ponto a outro; o que passa pelo meio comunica, traduz.

Nesse sentido, Hermes é, indubitavelmente, o personagem conceitual elementar para a filosofia de Serres e imprescindível também para esta pesquisa, pois atua na criação dos conceitos estruturantes aqui utilizados. É ele que impulsiona a intuição das passagens, mas, por outro lado, determina a velocidade do transporte. No que se refere à criação conceitual, parece que seriam próprios de Hermes, especialmente, dois conceitos; um concernente a ação de passar e o outro ao modo como se passa, a saber, *bifurcação* e *êxodo*.

Hermes cria *bifurcações* enquanto transita entre os deuses e os homens transportando as mensagens; dir-se-ia que cria passagens, que faz a comunicação entre os mundos. Também, padroeiro dos comerciantes, é um tradutor na medida em que patrocina os contratos. Um facilitador, um mediador, pensa-se de imediato, porém, pode também ser um criador de obstáculos, pois é ele quem determina a forma de transportar. Tem, portanto, o domínio do deslocamento sobre o território. Não conhecemos sua viagem nem seu roteiro, mas, conhecemos seu ponto de partida e seu ponto de chegada.

Sobre as *bifurcações* sabemos apenas que não são caminhos lineares tão pouco inequívocos, ao contrário, são encruzilhadas que guardam a possibilidade do descaminho, por isso, o *êxodo* é o segundo conceito associado a Hermes. Este conceito alude a uma forma não econômica de viajar, à experimentação ao longo do caminho, à falta de pressa e à incerteza da chegada. No *êxodo* a passagem se dá de modo tateante, nele o viajante pode, não raramente, ver-se à *deriva*.

Há na obra de Serres outro viajante que também traz sua contribuição a esta pesquisa. Arlequim comparece trazendo o conceito de *mestiçagem*. Notadamente “mestiço” é um termo originário da biologia usado para designar os seres humanos e animais que descendem de duas ou mais linhagens diferentes, respectivamente, e carregam em si heranças genéticas de ambas. Na filosofia serreana, porém, este termo é reterritorializado para evocar o indivíduo que surge dos encontros entre o eu e a alteridade.

A *mestiçagem*, ao indicar o movimento de abertura para o exterior, aplica-se conceitualmente aos processos de ensino e aprendizagem, mas também comparece na obra de Serres indicando um modo de interculturalidade e, ainda, como disposição a partir da qual o filósofo pensa como ponto de intercessão entre as ciências exatas e as ciências humanas. Enquanto a mestiçagem refere-se à práxis, visto que é o ato de abrir-se, o mestiço é o resultado da abertura. Aqui o próprio conceito se bifurca, dado que encontra dupla paternidade, pois origina-se também de outro *personagem conceitual*, o *Terceiro instruído*.

Produzir uma *bifurcação* é realizar a travessia de uma margem à outra do rio; é pavimentar uma estrada onde antes havia apenas deserto; mas ninguém sai ileso do percurso. Quando se encontra a meio caminho, o indivíduo se vê tão distante daquilo que lhe era familiar, quanto do que está por vir. Conhecer é deixar-se, mas também

constituir-se em novo. Abrir-se para a alteridade é, antes de tudo, um dilaceramento. Da recomposição do corpo dilacerado e espalhado pelo mundo nasce a terceira pessoa, o *mestiço*.

É o corpo, que na filosofia de Serres e nesta pesquisa assume a dimensão de lugar das *bifurcações*, não em virtude de sua materialidade, mas porque é, antes de tudo, virtual. O corpo é aqui pensado como um possível que abriga em suas metamorfoses, dentre tantas outras possibilidades, a do saber. Como um mar para o qual todos os rios correm, é o lugar derradeiro dos encontros, nele desembocam todas as violências, mas também selam-se os armistícios.

Conforme já exposto, Serres, através de seus *personagens conceituais*, ocupa-se em pensar as relações internas e externas da ciência com a violência, questão que é deslocada para o contexto desta dissertação, a fim de problematizar a práxis interdisciplinar enquanto paradigma contemporâneo da produção de conhecimento. Nesse sentido, movida pela necessidade de delimitação imposta pelas metodologias de pesquisa e pelas condições objetivas de investigação, privilegia a abordagem das relações internas à construção de saber ao propor um percurso empírico–esboçado no capítulo III–que privilegia a experimentação corporal.

Todavia, é pertinente frisar que esta pesquisa se propõe a pensar os efeitos da interdisciplinaridade não apenas no corpo, mas também no mundo e nos outros. Esta tríplice relação que impele a considerar, por exemplo, que a separação entre as humanidades, a biologia e das ciências exatas, geram preocupações sociais, políticas, econômicas ou culturais. O paradigma da especialização fundamenta a fragmentação entre as áreas do conhecimento e determina a sistematização disciplinar das instituições de ensino. É a perspectiva epistemológica normatizando a produção. A violência sobrevém à norma quando as estatísticas nivelam as variações singulares e elimina matematicamente os corpos pessoais em favor de uma silhueta global.

São os cálculos atuando na determinação das políticas públicas, prescrevendo os estados de normalidade e, por vezes, medicalizando uma coletividade. É o encontro da política e da moral. Como exemplares de tal violência destacam-se nossas instituições de ensino e pesquisa, nas quais, em larga escala, estupidamente acredita-se que o conhecimento, ao invés de ser criado, pode ser transmitido. Nelas os corpos, padecendo de rija verticalidade, têm seus sentidos ludibriados e a sensualidade do saber é

desprezada. Aéreo, volátil, o conhecimento não se deixa apreender sem vertigem. A estagnação do corpo impossibilita as trocas com o meio.

Sabe-se que violência é companheira da aprendizagem e do nascimento do saber, visto que na base da construção do conhecimento encontra-se a necessidade de que sejam firmados contratos, acordos. As questões acerca da ciência, antes de serem questões de ética – embora muitas vezes a filosofia discuta a ética na produção do conhecimento - são questões de direito. A cada avanço no saber há um pacto subjacente, que geralmente não é assinado por ninguém, mas tacitamente é observado e cumprido por toda a sociedade.

No imaginário popular as encruzilhadas, as *bifurcações* são o lugar próprio para se estabelecer pactos, realizar acordos. Na filosofia serreana os próprios corpos é que são as encruzilhadas; assim, alio o saber cotidiano à filosofia para afirmar que o preço estabelecido pelos contratos firmados em prol do avanço científico, via de regra, é uma “tira de pele”⁴. Quando a letra fria da lei geral encontra a singularidade da carne urgente e trêmula dos corpos individuais mergulhados num campo social, a violência sobrevém à norma que, fundada numa moral normalizadora, subjuga a invenção.

Ora, mas se a violência é inerente à nascente do saber, é por que este é precedido por acordos tácitos ou explícitos, os quais são, inevitavelmente, em alguma medida, excludentes. A interdisciplinaridade aqui postulada como paradigma epistemológico da contemporaneidade, necessariamente, atende também a estes pressupostos. E então cabe perguntar: quais os postulados estão sendo colocados como base desta proposta acerca da interdisciplinaridade? O que justifica a escolha da interdisciplinaridade como paradigma epistemológico em detrimento do paradigma da especialização? Que tipo de discussão filosófica é capaz de abarcar a irregularidade dos contornos do conceito de interdisciplinaridade?

Uma resposta à primeira questão pode ser esboçada nos seguintes termos: a concepção interdisciplinar proposta, mais do que estar pautada por uma definição do que é interdisciplinaridade, relaciona-se com o fazer interdisciplinar, ou seja, é pensada como uma prática tradutória entre os domínios já balizados do conhecimento. Conhecer, por sua vez, é ação de produzir aproximações entre o “eu” e tudo o que dele diverge, na qual o corpo tem uma função primordial.

⁴ Em alusão ao pacto firmado entre os personagens Antônio e Shylock na obra *O mercador de Veneza* de William Shakespeare.

Sob inspiração da filosofia serreana assumo como ponto assente que a aprendizagem, as pesquisas acadêmico-científicas, as práticas de construção do saber em geral, guardam em si um grau de violência que extrapola as relações epistêmicas; mas não há a possibilidade da total extinção de tal violência. Os contratos surgem como possibilidade de negociar e firmar a paz, assim, a interdisciplinaridade, por se tratar de uma perspectiva epistemológica que se funda na comunicação entre os saberes e na fecundidade dos desvios, mostra-se mais favorável aos acordos do que o paradigma da especialização.

No que concerne à terceira questão, faço uma aposta no discurso científico não epistemológico, produzido por Michel Serres. Entendo que seu discurso filosófico serve ao propósito de pensar a interdisciplinaridade não pela via pedagógica, nem como procedimento didático, mas enquanto paradigma epistemológico. Nesse sentido, recorto em sua obra e reterritorializo, na pesquisa realizada e no presente texto que dela decorre, sua formulação acerca de uma *epistemologia do efêmero*. Sua *epistemologia fluida* vem da concepção de que o conhecimento não é sólido, mas disperso, frágil, capaz desaparecer a qualquer instante. O próprio objeto do conhecimento é fugaz; as delimitações que estabelecemos são lugares de passagem por onde se desloca a comunicação.

UMA EPISTEMOLOGIA DAS PASSAGENS

A EPISTEMOLOGIA FLUIDA

Acometida pela acusação de ser poética, a obra de Michel Serres desloca-se com total liberdade conduzindo-nos –entre um parágrafo e outro –dos romanos à tripulação de um foguete espacial. Segundo Latour (1997), os que a apreciam dizem que é bela e que a beleza da poesia não precisa ser compreendida, já os que não gostam, usam a adjetivação poética como um modo de desqualificar os argumentos nela desenvolvidos. Para o filósofo, tanto melhor que sua filosofia seja equiparada à poesia, pois, etimologicamente, em grego, essa palavra designa fabricação, criação e, segundo ele, “o que faz progredir, em filosofia, mas também nas ciências, é inventar conceitos” (SERRES, 1997).

É tendo em vistas uma perspectiva de filosofia e de ciência como processos de criação, que se percebe em seu pensamento o entrelaçamento entre essas duas áreas e a arte. Assumidamente convertido pelo deus Hermes, o filósofo que se autodescreve como “filho da guerra e dos bombardeamentos” tem na *mestiçagem* seu ideal de cultura. Em vez de cortes epistemológicos e esquizofrenia, propõe a existência de relações entre o “eu” e o “outro”, entre aquele que conhece e o objeto conhecido. Em vez de uma cultura fragmentada, propõe a composição, a paz entre as áreas do saber.

Não obstante, a construção de relações a que ele se propõe, em nada se aproxima de pedras sólidas, contrariamente, refere-se a pontos que se ligam em meio a fluidos turbulentos ou a redes flutuantes. Em oposição à afirmação da existência de identidades monolíticas, a proposta serreana supõe a criação de estabilidades singulares em meio ao fluxo geral. Existem arestas a serem aparadas e somente uma conjunção entre os saberes é capaz de abarcar determinadas questões. Pergunta-se “Que ciência positiva, que lógica, que abstração formal pode levar a pensar a morte, o amor, os outros, as circunstâncias da história, a violência, a dor ou o sofrimento, todo o problema do mal?” (Idem).

A epistemologia de Serres é marcada pela preocupação ética, que se inicia com Hiroshima. Nisso reside toda a sua filosofia. Nunca antes no percurso histórico a Ciência havia se imposto daquela maneira à humanidade, nunca havia sido tão urgente que se discutisse a responsabilidade Científica e, no entanto, os livros de filosofia não se

pronunciaram sobre isso. A Epistemologia limita-se a discutir os métodos científicos, entretanto, adventos como o da bomba atômica referem-se

[...] à moral, a sociopolítica e à filosofia: pela primeira vez a desde a sua criação, desde Galileu, a ciência, sempre colocada do lado bom... começa a levantar certos problemas reais do outro lado do universo ético. [...] os livros de filosofia das ciências não diziam uma palavra a esse respeito. (Serres, 2001.p. 29)

Também nesse sentido, demonstra-se um filósofo clássico, pois parte de uma concepção ontológica que fundamenta sua teoria epistemológica que, por sua vez, alcança desdobramentos práticos. Na concepção epistemológica do filósofo, o conhecimento é, antes de tudo, um processo de criação de relações entre o *eu* e *alteridade*. Além das conexões que o ato de conhecer estabelece entre o indivíduo que conhece a realidade conhecida, a epistemologia de Serres pressupõe ainda uma construção de passagens entre as áreas do saber, como por exemplo, “a relação bifurcada entre as ciências e as letras” (SERRES, 1997). Nesta perspectiva, acha-se justificada a escolha de sua filosofia, como corpus teórico, capaz de pensar o fenômeno da *Interdisciplinaridade* enquanto paradigma epistemológico da ciência contemporânea.

Em sua concepção, as áreas do conhecimento são constituídas num plano temporal em que diferem por ordem topológica e não geométrica. Noutros termos, se numa concepção linear de tempo procede-se de acordo com geometria métrica, calculando distâncias bem definidas e estáveis; na concepção serreana de tempo amarrotado, opera-se pela topologia, descobrindo-se aproximações e distanciamentos, que a princípio parecem arbitrários. Em sua teoria sobre a passagem do tempo Serres postula que

[...] o tempo não passa segundo uma linha [...] nem segundo um plano, mas de acordo com uma variedade extraordinariamente complexa, como se aparentasse pontos de paragem, rupturas, poços, chaminés de aceleração espantosa, brechas, lacunas, tudo semeado aleatoriamente, pelo menos numa desordem visível. (SERRES, 1997, p.83)

Por analogia podemos pensar no tempo como se fosse um lenço. Quando o passamos a ferro torna-se uma superfície lisa na qual podemos, geometricamente, determinar as distâncias e proximidades, ao passo que se o amarrotarmos e o colocarmos no bolso, subitamente, os pontos mais afastados podem ficar muito próximos ou até mesmo sobrepostos, e, no caso de rasgarmos esse lenço, dois pontos próximos podem ficar topologicamente muito afastados.

Para Serres, “*o tempo não corre, percola*”, isto é, “passa e não passa”. Formula essa ideia a partir da palavra francesa <<*couler*>> que significa aproximadamente <<correr>>, derivada do verbo latino <<*colare*>>, que significa filtrar. Assim ocorre com o tempo, “num filtro, dado fluxo passa enquanto um outro não” (SERRES, 1992). Apoiada nessa noção de temporalidade, que admite a coexistência do arcaico e do contemporâneo, é que nasce a proposta epistemológica do autor, que ele próprio denomina *Epistemologia Fluida*.

Mais precisamente, o tempo é a condição necessária para que sejam realizadas as passagens entre as áreas do conhecimento. As aproximações são criações de estabilidades em meio aos fluxos temporais. Para explicar o modo como se dão tais passagens, Serres utiliza a metáfora de Hermes, o deus da mitologia grega responsável por realizar a interlocução entre os deuses e os homens, também conhecido como padroeiro dos viajantes e patrono da comunicação, o deus se desloca tendo asas nos pés.

O operador de aproximações Hermes assume a figura do mediador que passeia no tempo dobrado estabelecendo conexões.

É preciso conceber como é que Hermes voa e se desloca [...] como viajam os anjos [...] descrever os espaços que se situam entre coisas já balizadas [...] *Entre*, uma preposição de importância capital. [...] De resto, acreditamos sempre que o espaço da enciclopédia ou do conhecimento é plano e ordenado: quem nos disse? (SERRES, 1997, p. 93-4)

Realizar uma atividade interdisciplinar, tendo como fundamento filosófico esta perspectiva epistemológica, implica assumir que temos em cada um dos polos, elementos que descrevem o mesmo universo, mas mediante linguagens distintas. O pensamento interdisciplinar assume, não só o risco de realizar o transporte, mas também o risco da falibilidade, pois pode se enganar ao arriscar-se no “entre”, ao explorar as possibilidades da dobra e ao criar conexões. Mas, assim como a luz de Hermes, mais que claridade, a *interdisciplinaridade* traz velocidade.

Eis realmente o método de Hermes: ele exporta e importa, atravessa; inventa e pode enganar-se, por causa da analogia; perigosa e mesmo, mais exatamente, interdita, mas não se conhece outra via de invenção. O efeito de estranheza do mensageiro advém dessa contradição, que o transporte é a melhor e a pior das coisas, a mais clara e a mais negra, a mais louca e mais certa. (Idem, p.95)

Buscando ainda outro modo de explicitar a possibilidade de aproximações entre as áreas do conhecimento, pode-se enfatizar que para Serres o “entre” é o volume interdisciplinar que permanece inexplorado. É pura potencialidade, na qual não se opera

senão através da criação. Não sabemos como Hermes viaja, não conhecemos os espaços que percorre, é preciso imaginar o deslocamento e o espaço. De modo análogo ocorre nas realizações interdisciplinares. É preciso criar as conexões, as passagens entre as disciplinas.

Mas de que modo torna-se possível a invenção de tais aproximações? Que caminhos o pensamento interdisciplinar percorre? Qual método é capaz de assegurar a maior fidedignidade possível do conhecimento produzido através de tais *bifurcações*? Para acompanhar a filosofia serreana faz-se necessário abandonar as concepções metodológicas convencionais. A um modelo tradicional de herói como Hércules, que conhece todas as soluções e os melhores caminhos, Michel Serres prefere Ulisses, o andarilho errante da *Odisséia*.

No lugar da violência revestida de método, propõe a distribuição e dispersão do saber. Em vez do caminho de equilíbrio em direção à morte, sugere a

[...] criação de estabilidades que não o equilíbrio geral. [...] A errância como procedimento de pesquisa. [...] Êxodo no sentido do caminho (da *Odisséia*)⁵ que se afasta do caminho, em que a via ganha o exterior da via. [...] Um método funciona, resolve questões, mas se dirige rapidamente para o tédio, para a velhice e para a asneira (Ibidem. p. 269).

Em virtude da sua feição interdisciplinar, a obra serreana corre o risco de ser tomada apenas pela via literária e as aproximações que produz podem vir a ser concebidas como livre associações, o que para Bruno Latour (1997), seria um grande equívoco, pois cada página que Serres escreve está sob constante *vigilância da filosofia*. Esta afirmação deve-se ao fato de que Serres é, indubitavelmente, um filósofo clássico que, na esteira platônica, assume, a seu modo, a vertente racional da demonstração filosófica.

A esse respeito, é possível afirmar que a proposta de uma epistemologia menos sólida inaugura um estilo no campo da filosofia, uma vez que, para compensar a velocidade dos saltos *interdisciplinares*, propõe um método de demonstração tributário do raciocínio matemático, mais precisamente a matemática das estruturas – constituída no século XX –, que se distingue da matemática clássica exatamente pela transformação no modo de operar o pensamento, que possibilita a comparação de teoremas algébricos comuns com outros vindos da geometria ou da aritmética.

⁵ Grifo meu.

O método comparativista de Serres produz uma “nova organização do saber” ao colocar na mesma vizinhança elementos díspares, como a teoria das turbulências, o poema de Lucrecio ou a termodinâmica e os romances de Zola. Tudo é uma questão de vizinhanças e afastamentos. “Em toda a profunda transformação do saber se verifica essas alterações da percepção” (SERRES, 1997). Porém, este método guarda em seu interior um grande desafio, que é o de adequar a linguagem matemática, precisa e rápida, às exigências do estilo técnico da filosofia.

“Platão procede de modo diferente?” Interroga o filósofo, acrescentando:

Quando a matemática ou a lógica não podem entrar, então que vá o mito! E daí haver, em Platão, como em tantos outros, desvios, saltos, rupturas, da demonstração à narração, da metafísica às histórias populares. [...] Não é nada muito extraordinário. (Ibidem. p. 103).

Os críticos da filosofia de Serres afirmam que seu estilo é fruto de uma vontade literária, quando na verdade, surge em sua obra por necessidade, no momento em que a linguagem técnica não é suficiente para abarcar a urgência dos deslocamentos, das passagens de um ponto a outro. Entretanto, às passagens segue-se, necessariamente, a demonstração

[...] mais por comparativismo do que por encadramento, mais pelos percursos de Hermes do que por dedução ou construção de sólidos. Hermes transporta as formas de um lugar para outro, passando pelos fluxos de ar. A síntese far-se-á preferencialmente entre os fluidos. (Ibidem. p.103-4)

Na perspectiva da *epistemologia fluida*, as passagens são próprias da filosofia. Nesta via de entendimento, a filosofia cria não só conceitos como também personagens. Entretanto, essas criações não podem deslocar-se livremente, pois, encontram-se engendradas por suas condições de possibilidade. Noutros termos, os obstáculos são as divisões das áreas do conhecimento, impostas pelas instituições universitárias. “A passagem é natural e o obstáculo artificial” (SERRES, 1997).

De um modo geral, a proposta epistemológica de Serres está vinculada a uma ideia de comunicação—no sentido de passagem, transporte, transferência e tradução. Sua investigação propõe-se a identificar quais obstáculos interceptam essas passagens. Assim, a metáfora de Hermes tem como finalidade perguntar pelos percursos e obstáculos da “transferência de método de uma ciência para outra ou das ciências para a mais pura filosofia” (Idem).

As ciências utilizam a palavra interface com muita frequência, incorrendo em simplificações a respeito dos espaços atravessados durante as aproximações. Numa concepção epistemológica tradicional, esta seria uma relação estável produzida em espaços lisos, homogêneos, geometricamente mensuráveis. Entretanto, nesta perspectiva, as ligações se dão em meios fluidos e caóticos, que se assemelham com a realidade, porque abandona a ideia da classificação baseada na cisão entre as áreas do conhecimento.

Não obstante, apesar ausência de uma estabilidade geral no campo dos saberes, os personagens, como Hermes ou Arlequim, não se deslocam livremente, pois Serres, longe de propor uma ruptura total com a filosofia tradicional, rompe apenas com o ponto de vista da construção linear do tempo e com a concepção clássica de razão, que fundamenta a fragmentação entre as áreas do conhecimento, todavia, mantém seu trabalho condicionado ao exercício racional. Utiliza a metalinguagem literária e mitológica como recurso para realizar seu trabalho científico e filosófico.

Dessa forma, as *bifurcações* criadas durante as trajetórias de transporte das informações resultam em encontros. São as encruzilhadas, onde o global encontra o local (SERRES, 1993), onde a ciência encontra a arte; o instante fulcral em que Hermes, ao experimentar simultaneamente os dois mundos, ressurgem *mestiço*, não como síntese de deus e homem, mas como aberração, como absurdo, como desvio e como *corpo completado*.

Neste ponto reside a questão filosófica elementar relativa à *interdisciplinaridade*, pois nos conduz a postular a existência do “instante zero” em que o pensamento é comum a todos os saberes, não como origem das teorias, mas como nascente da própria possibilidade de pensar. Um ponto indiscernível, de intercessão, o *tiers-point* (SERRES, 1990). É efetivamente, a contradição tornada a própria condição de possibilidade da realização de uma *filosofia da criação* (SERRES, 1993).

É a partir pressuposto da existência desse ponto comum que o conhecimento assume, na filosofia de Serres, uma dimensão corporal, pois se na perspectiva do filósofo o tempo é a condição necessária para que ocorram as passagens, os corpos são os lugares em que estas acontecem; são, por assim dizer, espaços de *bifurcações*. A este exemplo convém retomar uma de suas incursões pela literatura, na qual (re)cria um suposto percurso que teria levado o idealizador da infiel e sedutora Carmen para fora das bibliotecas.

Na concepção de Serres, Prosper Mérimée, sem a realização de um percurso empírico, não teria escrito a novela *Carmen*, que inspirou o compositor Bizet em sua ópera homônima. Teria sido a partir do contato real com as ciganas e os estivadores do porto, da sedução de suas danças e cantigas sob a luz do luar, de suas trapanças e adivinhações dispersas entre mãos e baralhos, que o autor viria a tornar-se *mestiço* no corpo e no espírito, tal como o *Arlequim*, imperador da lua, que depois de conhecer muitos mundos em suas tantas viagens, tem a pele tatuada, compósita e tão multicolorida quanto seu casaco de retalhos.

O verbo encontra a carne nessa encruzilhada, onde o discurso científico assume a dimensão estética e social. Estética – no sentido de sensação –, na medida em que a universalidade da ciência, que se impõe por proposições, encontra o corpo do pesquisador e o do homem comum, pois enquanto agente transformador que inaugura novas técnicas e tecnologias, encontra-se com as particularidades das práticas cotidianas individuais e coletivas. Social, na medida em que os contextos políticos, econômicos e sócio-culturais são determinantes para a construção do saber e dos discursos epistemológicos sobre os modos de intervenção e interpretação do real.

O MÉTODO DA DISPERSÃO

“Um método traça um percurso, um caminho, uma via. Aonde vamos, de onde partimos e por onde passamos, questões de teoria ou de prática a serem colocadas para conhecer e viver.” (SERRES, 2001, p. 265)

Podemos imaginar o método como uma via reta, que rapidamente e em segurança, conduz o viajante ao seu destino; através de uma sequência de encadeamentos estruturada pela relação de ordem, liberta-o dos perigos e das estranhezas do caminho. Eis a via cartesiana em suas exigências elementares: não compreender nada além do que se apresenta de forma clara e distinta à mente; dividir as dificuldades a fim de compreendê-las; obedecer à ordem do mais simples ao mais complexo.

A via reta e mais curta chega “ao melhor resultado pelos menores custos”, máxima que evidencia o triunfo da idade clássica através da estratégia direta tornada razão. Desde então, em todos os tempos e circunstâncias, a razão associada à eficácia

torna-se norma, a “moral é transferida para o conhecimento” para as vias do racional, onde a perturbação e a flutuação são reduzidas a zero, pois provocam variações neste caminho que a cultura ocidental nos fez entender como necessário. Descartes não gostava do infinitesimal, diz Serres (2003).

A lei que subjaz aí é a da economia, que engendra na tática o “máximo com o mínimo” toda a eficácia e a violência do Método, rio em que navega a cultura racionalista. Mas quem pode economizar o tempo? Quem pode prendê-lo? “O método traça bem um percurso, caminho através de um espaço. Sabe de onde parte e aonde vai” (SERRES, 2001), não obstante, há outras vias menos econômicas, onde podemos supor percursos menos preocupados com o equilíbrio, tal como a rota sinuosa que Ulisses percorre na *Odisseia*, caminhos fora dessa ordem, “vias do desperdício” (Idem).

Em sentido cartesiano, entre o ponto de partida e ponto de chegada há o meio por onde passa a “dicotomia que a filosofia platônica canonizou, onde a articulação procura a economia” (Ibidem). Mas a despeito da habilidade do marinheiro na *Odisseia*, a navegação escapa da via normal e é assim que o conquistador de Tróia “descobre terras desconhecidas, é assim que inventa quando a astúcia fracassa” (Ibidem) . Destarte, alerta Serres, o caminho da *Odisséia* não pode ser considerado um método, mas *êxodo*. “Êxodo no sentido do caminho que se afasta do caminho, em que a via ganha o exterior da via” (Ibidem). Neste tipo de percurso a estabilidade das extremidades não faz parte do caminho, o que conta é o próprio *êxodo*, o “entre” que se afasta do meio, do equilíbrio, do metódico.

Afastado do caminho normal, viajando ao sabor das flutuações, vivendo o rigor das intempéries e as benesses da bonança, Ulisses cria estabilidades singulares em meio ao fluxo geral, como se houvesse o estável desviado da via normal, como se houvesse ordem fora da ordem,

Como se um rio afastado de seu leito habitual encontrasse uma planície onde formaria um lago, onde permaneceria por um certo tempo antes de retomar sua queda previsível. [...] Como se a flutuação ao acaso, tempestades inesperadas ou arrebentações de ondas estocasticamente lançadas no espaço do mar alto, levasse de repente a (à formação de) uma localidade temporariamente estável, uma ilha onde nasce um outro tempo, local, esquecido do antigo, do comum, esquecido do tempo do percurso. Afastadas em relação à via metódica, essas ilhas formam ordem por flutuação, uma outra ordem que bem podemos chamar exódica. Como vocês nunca as encontrarão no percurso do método, elas ficam fora dos equilíbrios globais do epistêmico, exódicas, exóticas, ergódicas. O método minimiza, anula as circunstâncias; o êxodo mergulha na desordem delas (SERRES, 2001, p. 268).

Ulisses retarda sua volta para Ítaca, adia a retomada de seu lugar no leito de Penélope e se reconhece atraído pelas *bifurcações* que o levam para fora caminho reto, extravia-se pela sedução. “E porque sabe disso, às vezes ele tapa as orelhas” (SERRES, 2001). Assim, ao contrário de Hércules que escolhe a virtude, Ulisses aproxima-se do vício. O primeiro, um deus virtuoso e forte, que na condição de perfeito militar, conhece sempre as melhores e mais eficazes estratégias, é, portanto, vencedor. Hércules diante das *bifurcações* escolhe sempre o bom caminho, o caminho do equilíbrio, da violência e da morte, pois vence ao matar os adversários, mas também morre entre as chamas. Por sua vez, o errante da *Odisséia*, astuto e seduzível, não dispõem da força do heróico deus clássico, mas tripudia sobre a morte ao navegar no acaso e desviar-se da via mais curta.

Serres nos lembra que das narrativas homéricas as crianças gregas – entre elas o menino Platão – aprenderam a história, a geografia, a cultura e suas técnicas. Com os mitos aprendiam não uma ciência arcaica, mas o mais refinado saber, que lamentavelmente a pedagogia transformara em esquema enciclopédico que, assim como o método, corre pela via mais curta. Mas no entendimento serreano, a *Odisséia* “não desenha uma enciclopédia, mas uma escalenopédia” (Idem), em alusão o triângulo escaleno, que descreve um caminho “capenga”, “tortuoso”, “complicado” (Ibiem). As rotas de Ulisses são escalenas, inventadas e por isso escapam da redundância dos modelos preconcebidos.

Nesse sentido, Serres faz do discurso do *êxodo* o seu *logos* a cerca da *episteme*:

Já não conto para nosso divertimento, a história de um velhinho, pior, de um velhinho cego. Sustento um discurso científico, um discurso em ruptura de epistemologia, um discurso científico não epistemológico; ele rompe com dois milênios de método. Ou antes, esse velho diz-que-diz está saturado de um saber diferente e prodigioso. Novo. Não um diz-que-diz e não uma história, mas o discurso do êxodo que procuro e, muito exatamente o divertimento, a via da diversão do muito astucioso Ulisses que guardava em seu saco o conjunto das voltas e reviravolta da nova ciência, a teoria do conhecimento cego, ou da evidência não visível, dessas evidências escondidas por vários séculos de método inútil. Inútil em vista ao novo. (Idem, p. 268-9).

A BIFURCAÇÃO SERREANA

Serres é um filósofo de paradoxos, não apenas por ter um gosto especial pela contradição, pelo absurdo, mas porque seu próprio fazer filosófico é paradoxal. Se por um lado é um pensador do novo, que inaugura um estilo ao recontar a história da

filosofia e dos mitos recriando-os, de forma a pôr à vista o que há de impensado naquele pensamento; por outro, é um filósofo clássico no que concerne ao modo como engendra suas questões. Conforme já evidenciado acima, tal como na tradição, na filosofia serreana observa-se três movimentos: uma ontologia fundamentando a teoria epistemológica, que por sua vez relaciona-se com a norma.

Ele próprio, em *conversas com Latour* (1997), declara que é a existência do modelo que permite a criação do sistema, ou seja, a *episteme* é o sistema do modelo-mundo. Só é possível produzir ciência porque a natureza oferece elementos para serem teorizados. A ciência moderna procurou pela regularidade dos fenômenos naturais e passou a demonstrá-los não só por enunciados, mas por fórmulas matemáticas. O que norteou o desenvolvimento da ciência, de Galileu a Comte, foi a certeza de que há na natureza ordem e linearidade, concepção da qual Serres afasta-se terminantemente.

Nesse sentido, sua proposta epistemológica, além de estar fundamentada na efemeridade da existência, procura levar em conta também o caráter transitório desse artefato humano, pois, seja pelo exercício dos sentidos, seja pelo encadeamento da razão, ou por ambos, o homem cria as fabulações que explicam o mundo, à quais damos o nome de ciência. Conhecer implica, portanto, em uma associação entre natureza e cultura, na medida em que a primeira serve de modelo para a criação das proposições, enquanto que a segunda, é o fiel da balança responsável pelas atribuições de valor que seguem as transformações no campo do saber.

Desta forma, os artefatos, tanto intelectuais quanto materiais, produzidos pelas epistemes, são a um só tempo “objeto-mundo” e “objeto-sociedade”. “Cada técnica transforma a nossa relação com as coisas [...] e ao mesmo tempo as relações que mantemos entre nós” (SERRES, 1997), eis o motivo pelo qual a física de Lucrecio – expoente do atomismo clássico – foi ignorada quando da sua formulação, pois, no século I antes de Cristo sua poesia já falava na mecânica dos fluidos, enquanto a ciência de sua época dizia apenas da mecânica dos sólidos, conforme aponta Serres (2003).

Lucrecio, no poema *De rerum natura* (1985), produz uma reordenação do sistema de Epicuro, cujas proposições basilares decorrem da doutrina atomista de Demócrito. Adéqua a ética epicurista aos seus propósitos ao fazer com que, em sua obra, o princípio da infalibilidade dos sentidos preceda a teoria do conhecimento, Sua proposta é discutir as possibilidades da felicidade, para tanto, levanta questões sobre a relação entre os homens e os deuses, a natureza da alma e seu destino após a morte.

Se considerarmos a via do tempo linear, poderemos dizer que o pensamento de Lucrecio estava à frente do seu próprio tempo; mas Serres, que é um pensador do *tempo amarrotado*, retoma a obra *De rerum natura* (Da natureza) do poeta e filósofo romano e, convertido a Hermes, opera *bifurcações* entre as Ciências Humanas e as Exatas ao demonstrar a atualidade das descrições contidas no poema. Assim, a partir do conceito de *clinâmen*, fundamenta sua ontologia, na qual o desvio, a dissolução, são princípios de existência; e na concepção caótica de tempo elabora sua forma de construção do conhecimento.

Para explicar sua teoria atômica, Lucrecio utiliza a seguinte metáfora⁶: o corpo é um vaso que contém a alma, um fluido sutil, mais fluido do que a névoa, que a água e que a fumaça. Entretanto, o próprio corpo é poroso, também é fluxo, só que mais espesso, mais conexo, constrói-se da forma que quiser, “modeliza ligações fluidas” (idem) ; é como uma bacia hidráulica. Ora, se continente e conteúdo são de mesma natureza, variando apenas o modo como seus elementos constituintes organizam-se, a metáfora força-nos a pensar numa relação entre fluxos – o vaso e o fluido, o corpo e a alma. Se a bacia que é porosa rachar, o conteúdo se espalha, se dissipa e dispersa. Da mesma forma ocorre com o corpo, quando a alma escapa pelas fendas; este retorna ao caos e se dissolve, morre; portanto, vai “do aberto local para o aberto global” (ibidem). Não pode existir fora da bacia que lhe assegura temporariamente uma contenção.

O poema traz a lei da dissolução, “as coisas naturalmente se gastam e se fundem, elas retornam dissolvidas, à natureza particulada” (Ibidem). Ora, Serres relembra-nos, que esse é o segundo princípio da termodinâmica, teoria que é nossa contemporânea. Mas o atomismo de Lucrecio vai além. A lei da dissolução, assim como a termodinâmica, somente pode ser aplicada sobre sistemas abertos. Por isso cai em desuso nas físicas clássica e moderna, e agora reaparece. “*De rerum natura* marcha sob a tempestade e a chuva” (Ibidem), enquanto os velhos sistemas da ciência são produzidos nos sistemas fechados dos laboratórios.

Pelos canais abertos entram os simulacros que impressionam o conteúdo sutil (a alma). Para Serres, a genialidade de Lucrecio reside em afirmar que “Corpo é um sistema aberto, lugar ou sede de uma troca de fluxos” (Ibidem); através de ondas que nele entram, dele elas saem. “Essas ondas são, unitariamente, de comida e de bebida, de *eros*

⁶ Esta metáfora é reexaminada por Michel Serres em *O nascimento da física no texto de Lucrecio: correntes e turbulências*. (cf. Serres, 2003)

e de percepção, e de informação intelectual” (Ibidem). A física de Lucrecio é, portanto, uma hidráulica, modelizada por uma mecânica dos escoamentos; segundo ela não há uma regularidade na natureza, a vida não tem origem na ordem, mas em sistemas abertos.

Daí a afirmação de Serres de que a existência é um milagre, mas entenda-se que para o autor “milagre é o estatisticamente raríssimo” (SERRES, 1997). Tudo o que existe só existe porque diverge do zero, porque desvia do equilíbrio, porque deriva do nada. Essa ideia é tributária da noção de *clinâmen*, apresentada na teoria atômica de Lucrecio⁷. Imagine-se que num escoamento de fluxo laminar, onde todas as laminas do fluido “correm” paralelamente de forma regular, um átomo desvia-se, infinitesimalmente, da sua trajetória, mas o suficiente para provocar uma variação no fluxo.

O *clinâmen* é o vórtice que se forma em decorrência da deriva do átomo. Fenômeno imprevisível, ainda inacessível aos olhos e inexplicável e à racionalidade da física. Movimento infinitamente pequeno e local, mas capaz de provocar turbulências no contexto global. Sobre o *clinâmen* e a turbulência enquanto princípio de existência, respectivamente local e global, Serre afirma:

As coisas e portanto a natureza são formadas, conjugação atômica, no e pelo referido turbilhão; mas ademais, elas existem e se mantêm nele e por ele; enfim, elas se destroem, se desfazem, como ele desaparece. O tempo é a flutuação das turbulências, estas fazem o tempo, retêm-no em suas implicações, iniciam-no e deixam-no enfim desaparecer. Nascer, existir, morrer são apenas variações desse *dinos* fundamental, figura de transformação, onde a dinâmica aparece, tímida, nos desvios continuados da estática, isto é da figura circular. Existência ou deslocamento do equilíbrio. Se esse desvio é nulo, não há nascimento. Se é mínimo, a voluta se inicia e o objeto se constrói. Então ela foge, foge para a frente, como o diz a palavra *diné*, desenvolve-se e desdobra-se. No extremo desdobramento, a disseminação. A existência, então, pode ser dita ou turbilhão ou tumulto. A turbulência é produtora e é destruidora, como o *clinâmen* é formador e declinante. (SERRES, 2003, p. 143-4).

É no tempo, através de uma ideia de duração do instante que emerge, na filosofia de Serres, a possibilidade de construção de uma *episteme*. Se é necessário que haja o modelo para a construção do sistema, então, é o movimento do jogo duplo e interminável do nascer e fenecer, do aparecer e desaparecer, da agregação e da dispersão, que garante a possibilidade do saber. Assim, torna-se ponto assente que não se produz conhecimento da regularidade, mas do raríssimo, não se faz ciência do perene,

⁷ Observe-se que entre os romanos, também Epicuro ocupava-se da investigação deste fenômeno.

mas do efêmero, não há ciências duras, apenas gasosas. Todo o edifício do conhecimento, assim como seu modelo, está sujeito, ao menor sopro de vento, a dissipar-se no ar como fluido e névoa.

A passagem da poesia à ciência criada por Serres, sob o patrocínio de Hermes deus, viajante e tradutor, não escapa à assistência de Arlequim, o divertido personagem da *commedia dell'art* que também afigura na filosofia serreana como operador de aproximações; imperador da lua, que após viajar por diversos mundos, tenta confirmar a lei e a ordem ao afirmar: “nada de novo sob o sol” (SERRES, 1993), a mesma norma que garante poder à velha ciência produzida nos sistemas fechados, na clausura, protegida das turbulências e da hipercomplexidade.

Todavia, o corpo é um sistema aberto, conforme já alertava Lucrecio, suscetível às variações provocadas pelo encontro do *eu* com a *alteridade*. Apesar da norma, não se permanece o mesmo depois da passagem. Como tal, a pele tatuada de Arlequim não o deixa mentir sobre as variações dos infinitos sóis e dos infinitos mundos. Ao retornar a seu reino o soberano lunar mostra-se compósito, zebrado, tigrado, *mestiço* no corpo e na alma. Criar conhecimento é, portanto, declinar no efêmero, na raridade e neles produzir-se, para novamente e novamente deixar-se e formar-se.

Parte, sai. Sai do ventre de tua mãe, do berço, da sombra oferecida pela casa de teu pai e pelas paisagens juvenis. Ao vento, sob a chuva: do lado de fora faltam abrigos [...] Bifurcar quer dizer obrigatoriamente decidir-se por um caminho transversal que conduz ao ignorado [...] Partir. Sair. Deixar-se seduzir. Tornar-se vários, desbravar o exterior, bifurcar em algum lugar. [...] Porque não há aprendizado sem exposição, às vezes perigosa, ao outro. (SERRES, 1993. p. 15).

ARLEQUIM: O ENCONTRO ENTRE O VERBO E A CARNE

Se o tempo que não corre, mas percola, é a condição para as *bifurcações*, para as aproximações e os deslocamentos de Hermes, o corpo é o lugar da diversão e do renascimento de Arlequim. É o lugar onde o verbo – que por um “abuso da língua reduz o dado à linguagem” (SERRES, 2001) – encontra a carne trêmula e singular. O corpo-vaso poroso instancia as sensações que escapam à norma; deixa fugir pelas frestas da mão a alma que acaricia a superfície aveludada e nela se perde. No fluxo e contra-fluxo com o meio, continente e conteúdo tornam-se *mestiços*, contrariando a lei milenar que domina o ocidente.

Assim como o corpo misto o multicolorido de Arlequim, que retrata na pele o roteiro de suas viagens, o ideal de cultura de Serres, uma “cultura mestiça” (SERRES, 1997), prevê a existência de um terceiro lugar, um terceiro homem capaz de reunir em um só corpo o cientista e o literato, o “homem de ciência e o homem de cultura”⁸, um *mestiço* instruído que contraria a universalidade da norma. Da lei geral que foi formalizada por Aristóteles, na *Metafísica*. A lei da estabilidade, da *Identidade*, da *Não contradição* e do *Terceiro Excluído*, portanto, da morte.

A filosofia aristotélica fundamenta a metafísica na ontologia ao tomar o *ser* como fundamento lógico ou gnosiológico da verdade, em oposição ao *não-ser*, representante dos juízos falsos. Pode-se considerar que Aristóteles quando afirma que “não é possível que os contrários subsistam num mesmo sujeito” (ARISTÓTELES, 2002. 1005b 26), oferece uma explicação no plano da lógica para sua formulação do plano ontológico. Dito de outra forma, no âmbito da linguagem o *ser* pode ser dito de várias formas, mas, se considerado em *si* mesmo, não haverá contradição.

Esta concepção lógica – que prescinde do tempo – tornou-se o parâmetro de racionalidade sobre o qual se constroem os enunciados científicos; se estabelece como critério regulador do verdadeiro e do falso; se perpetua através dos binarismos e se faz pensar, por mais de dois milênios de cultura, como universal e necessária. Por séculos dita o método e se afirma como via de exclusão e violência. Não obstante, a *Epistemologia Fluida*, do tempo percolante, dos corpos misturados, do método da errância, carrega em seu ventre a proposta de uma nova ética, a qual evidencia o ideário de seu criador.

Para Serres (1993) é a partir do *mestiço* que surge, por exemplo, a verdadeira matemática, quando no século V antes de Cristo, gregos anônimos descobriram na geometria, a demonstração pelo absurdo. Ao medirem a diagonal de um quadrado de lado igual a um, constataram que seu comprimento não poderia ser expresso nem por um número par nem por um número ímpar. Eis a contradição. Melhor excluir o *mestiço*, mas sem ele, também sem diagonal. A solução que deram: admitir a existência da diagonal, mas considerá-la inefável, irracional.

⁸ A expressão “homens de ciência e homens de cultura” é aqui utilizada devido a seu uso reiterado em várias obras do autor, mas não ignora-se sua ambiguidade. Sabe-se que esta redação pode suscitar a ideia de que o “homem de ciência” está fora da cultura, o que seria impraticável, todavia, compreende-se também que a pretensão do autor é oferecer uma distinção entre aqueles que produzem um pensamento especulativo, os literatos, por assim dizer, e os cientistas propriamente ditos, isto é, pensadores cujas produções se dão no âmbito das ditas *hard sciences*.

Ora bem, uma multiplicidade de situações semelhantes apareceu, subitamente, nos números e nos grafos: álgebra dos reais, a verdadeira, a grande matemática acabava de nascer.

Ela surgiu do mestiço excluído, desta impossível situação: nem isto, nem seu contrário; desta fonte indecível, do absurdo que ecoa a diagonal do quadrado, nem par nem ímpar, ausência de meio entre essa duas possibilidades de dizê-la. (SERRES, 1993, p. 55).

Foram esses pressupostos que possibilitaram à matemática da modernidade encontrar outro modo para operar com as relações entre conjuntos. Além das relações de pertinência e inclusão, a geometria cartesiana passa a operar com um tipo muito específico de relação; o de função. As funções são modos *mestiços* de ligação que se encontram a meio caminho entre os conjuntos, satisfazendo as propriedades de ambos.

O *mestiço*, assim como o deus Hermes - que na mitologia grega era padroeiro dos viajantes e mensageiros, mas também mediador entre os homens e os deuses -, é um inventor é um operador de mudanças. No entanto, aquele que se encontra no meio é nulo e geralmente excluído, assim como acontecia no Antigo Regime francês, com uma classe chamada terceiro estado composta por todos aqueles que não pertenciam nem ao clero, nem à nobreza. (SERRES, 1993).

Mas para Serres (1993), é exatamente essa situação de estar entre dois, na lacuna entre a “ciência exata” e “cultura moribunda”, que se configura como condição adequada para a criação do terceiro homem, o *mestiço instruído* (uma alusão ao terceiro excluído aristotélico).

Será possível retardar o inevitável confronto entre o Norte, feliz, sábio, afortunado e o Sul miserável, com a invenção dessa cultura mestiça? Há nisso, ao mesmo tempo, sabedoria, na esfera intelectual, justiça, em esfera econômica [...]

Como Kepler nos ensinou, acreditamos que no centro comum do mundo brilha o sol universal do saber e da razão, mas que a sombra se dispersa nos segundos focos dos diferentes planetas; acontece-me hoje pensar, ao contrário, que o problema do mal passa por uma involução no centro comum de todas as culturas e que mil sóis de saberes diversos cintilam no meio comum dessa dolorosa sombra universal. (SERRES, 1993, p. 57).

O *Terceiro instruído proposto* pelo filósofo, carrega a síntese do conhecimento de seus mundos e como tal representa uma totalidade. Ele que até então não era nada, apenas diáfano, *mestiço excluído*, agora é tudo. Em seu princípio de devir fundamenta as ciências exatas e humanas, sendo as primeiras reguladas pela demonstração rigorosa, baseada no princípio do *mestiço excluído* e as segundas pelo vir a ser global da exclusão social.

Nos dois casos o fundamento é o mesmo, pois da exclusão humana e social provém o *mestiço excluído* e dele os parâmetros de rigor das condutas. O terceiro homem que, no discurso, subsiste como pronome e adjetivo demonstrativo entre primeira e segunda pessoa, na realidade, preenche todos os espaços e trona-se base ontológica do mundo.

Desse ponto de fusão entre ciência e cultura obtém-se que:

Desde que nasceu a literatura lamenta a miséria e o sofrimento. A ciência ainda não aprendeu a linguagem desse soluço. Nesse lugar trágico começa a razão instruída com a mestiçagem.

O sofrimento e a desgraça, a dor, a injustiça e a fome se encontram no ponto onde o global toca o local, o universal o singular, a ciência e a cultura [...] os sábios descrevem ou cuidam da dor, longe de a lastimarem, nem o global nem o universal sofrem e, se a ciência e o pensamento se referem a temas coletivos ou formais apenas o local carrega o peso do mal.

Dois *cogitos*: Nós pensamos. Eu sofro. (SERRES, 1993, p. 84, grifo no original.)

EXPERIMENTAÇÃO DAS BIFURCAÇÕES

AURORA

Lembro que na minha infância, vivida nas frias estepes gaúchas, ficava intrigada vendo minha primeira professora. Maria da Glória Antunes Dorneles. Nas manhãs quentes sentava-se à sombra de um pé de Plátano, ao lado da caixa d'água, para preparar seus planos de aula; já nos dias frios, sentava-se na plataforma da grande estação ferroviária desativada em que morava, para cardar, fiar e tecer a lã crua. Sim! Sua casa era uma antiga estação de trem e ela era, a um só tempo alfabetizadora e tecelã.

Não sei se isso aguça a imaginação de qualquer criança, mas a minha aguçava. Lembro-me de ficar recriando mentalmente o percurso que a lã fazia desde os corpos das ovelhas até se transformar num de seus cobertores. Trinta anos se passaram e ainda consigo ouvir o som das fibras de lã sendo passadas na carda. Ouço a música que emanava da roca de fiar quando da passagem da lã do estado de fibras para fios. Esta música obedecia ao compasso acelerado do pé de Maria, que impunha à roca o mesmo ritmo que sua presença austera impunha aos alunos na sala de aula.

Depois que a lã se transformava em fio, vinha a complexidade do tear. Minha mente infantil ficava imaginando como é que aquela mulher conseguia fazer tecido com uma parte do corpo dos animais. Tentava não perder nenhuma etapa para compreender a totalidade do processo, mas penso que só hoje consigo, minimamente, vislumbrar o que era a totalidade referida e o que tanto me seduzia naquela tecedura, naquele cruzamento de fios em que trama e urdidura compunham novos corpos. Só hoje concebo que as atividades da docência e da tecelagem não eram opostas, mas traduziam-se uma na outra. Tanto na sombra-estação, quanto no plano-tear; o que Maria fazia, em toda a sua glória, era tecer bifurcações na existência das coisas e das pessoas. Criava mundos na medida em transfigurava pelos em agasalhos, na medida mesma em que nos conduzia na travessia entre o mundo dos símbolos e o mundo das significações.

Maria, de mesmo nome que a bendita entre as mulheres, a mãe do Filho do Homem, também realizava milagres. Serres (1997) diz que milagre é o estatisticamente raríssimo. Ao ensinar a escrita e a leitura dava mundos para as gentes daquele “fim de lugar”⁹; sem dúvidas a transmutação que provocava nos espíritos era um milagre maior que o da metamorfose dos objetos. Todavia, apesar de carregar em si a fecundidade das passagens, detinha-se nos limites dos sistemas fechados: dos tecidos e dos

⁹ Expressão usada pelo poeta Manoel de Barros, na obra *Livro sobre nada* (1997), para designar o lugar em que viveu sua infância.

conhecimentos canonizados pela ciência. Maria, diferente da outra, da Cheia de Graça, nunca produziu outro corpo. De seu ventre ninguém jamais viu devir outra carne.

Quase divina, ecoa em minhas lembranças essa figura que produziu passagens, mas ao mesmo tempo, foi estéril. Como uma pedra angular, das memórias ressurgem Maria, afinando-se e/ou rivalizando com Hermes, tal como Héstia, a deusa virginal, que, por permanecer intocada, não foi fecunda, mas que fixada no solo tornou-se o umbigo que enraíza o habitat à terra. Conta-nos Homero (apud VERNANT, 1990), que Zeus concede-lhe o direito de sentar-se no trono; Héstia-lareira permanece imóvel no centro da casa dos mortais, constitui o ponto fixo, o invariante em meio ao variável, que serve de referência para a organização da existência humana no espaço.

Entre nômade e sedentário, a *philia*. A associação Hermes-Héstia comparece na mitologia como uma amizade recíproca. Numa relação de paridade, as duas forças divinas desenvolvem atividades complementares; habitam os mesmos lugares permanecendo na vizinhança um do outro. Ambos, ao contrário dos outros deuses, habitam este mundo. Porém, enquanto Héstia, sem abandonar seu lugar ao centro, de lá aquece a morada dos homens e evoca a imobilidade, Hermes liga-se ao habitat humano como mensageiro. Transeunte, nele não há nada de permanente, seu lugar nas casas é junto às portas protegendo as soleiras, é o Ladrão que afasta os ladrões (VERNANT, 1990). Reside nas fronteiras dos Estados, nas encruzilhadas.

Maria-Héstia habitava uma estação ferroviária, ponto estático, referência para os que transitam. Lá trabalhava em seus sistemas fechados: no tear, no qual tecia os fios de lã, e nos planos de aula, nos quais, tal como as Moiras, tecia os fios de nossas vidas. Todavia, era ao mesmo tempo Maria-Hermes, pois uma estação é também um lugar de passagem, na medida em que opera como *bifurcação*, especialmente lá, em que constituía a fronteira entre aquele fim de lugar e o mundo, na medida em que revelava para nós os segredos divinos da leitura e da escrita.

RETALHOS

As vestes de Arlequim denunciam que ele vem de muito longe, que viveu rigores, intempéries e delícias. Feita de tiras com formas irregulares, mal costuradas, com cores dispostas em desarmonia, repleta de nós e laços arranjados segundo as circunstâncias e a necessidade, a roupa puída, dilacerada transcende o viajante e, magnífica, revela o mapa do mundo que ele percorreu.

Talvez o comediante não saiba oferecer uma definição precisa a cada um dos mundos pelos quais passou, mas certamente sabe dizer como são, pois lá seu corpo experimentou vertigens, acidentes e contingências, seus sentidos provaram sabores, perfumes e consistências que vão desde o firme ao viscoso, aprendeu línguas e hábitos, mas também deixou algo de si, dispersou-se pelas veredas que visitou, para retornar *mestiço*.

Compósita, tal qual o casaco de Arlequim, a oficina *Bifurcações na formação de professores*¹⁰ foi realizada com o objetivo de constituir um campo empírico que tenta tornar operatória a filosofia da fluidez e das passagens. Esfarrapada, ela relaciona projetos, instituições, individualizações, interesses e afetos de proveniências diversas. São estes tantos retalhos que conferem potência a esta experimentação e encorajam-me a ensaiá-la como um manto portulano análogo ao do rei da Lua¹¹.

A oficina-manto pretende-se uma *bifurcação* e, como tal, opera através das relações ao estabelecer conexões entre elementos¹² (sejam eles teóricos ou institucionais), alinhavando farrapos para compor um pano, que ao final, creio, deixamos ver, um esboço topológico e geográfico de tais encontros. Dentre os agenciadores institucionais encontram-se:

R1: O projeto interinstitucional *Escriteiras*: um modo de “ler-escrever” em meio à vida (Edital CAPES/INEP 038/2010), cuja coordenação geral é realizada pela Prof. Dra. Sandra Mara Corazza, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em sentido pragmático o projeto atua na busca de alternativas para a compreensão e superação dos dados apontados pelo IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), especialmente aqueles que sinalizam as dificuldades no uso das linguagens.

¹⁰ Oficina de formação de professores que organizei e apliquei – com o apoio da linha de pesquisa experimentações em teorias e políticas educacionais, do grupo de Estudos de Filosofia e Formação, do Instituto de Educação desta universidade – nos dias 23 e 25 de setembro de 2013, durante o Circuito Cultural Setembro Freire. A oficina inscreve-se no território interdisciplinar ao articular poesia, dança contemporânea e esta pesquisa acadêmico-científica. Consiste na realização de uma leitura corporal do poema *gOol*, tema do evento no ano de 2013. Os professores participantes exercem suas atividades de docência nas Escolas Paciana Torres de Santana e Dom José do Despraiado, em Cuiabá. A partir das imagens registradas e da pesquisa realizada com esta oficina, foi produzido também um documentário chamado *Bifurcações*.

¹¹ Modo como Michel Serres operacionaliza o personagem da commedia Dell’art na obra *O terceiro instruído*. Instituto Piaget, 1993. p. 12.

¹² A cada elemento que integra esta composição apresentarei precedido da letra “R” – em alusão à palavra “retalho” –, seguido do número que ocupa na ordem de enumeração.

Aliando a Filosofia da Diferença à educação e em sistemas cooperativos entre Escolas Estaduais e Municipais e as Universidades: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), visa criar espaços para experimentações que evidenciem as singularidades, dando lugar ao livre exercício do pensamento, o que pode desencadear, através da experiência do inusitado, processos de reinterpretação, de resignificação e de criação de mundo.

R2: O grupo de Estudos de Filosofia e Formação (EFF, do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), coordenado pelo Prof. Dr. Silas Borges Monteiro) – que neste trabalho comparece também na condição de “núcleo UFMT”, integrante do projeto acima. Esta dissertação de mestrado integra a pesquisa realizada pelo projeto *Escrileituras* no “núcleo UFMT” ao inscrever-se entre as atividades de uma das subdivisões do grupo EFF, que é a linha de pesquisa “Experimentações em teorias e políticas educacionais”, cujo trabalho, no ano de 2013, esteve voltado para a formação de professores.

R3: As Escolas Estaduais Professora Paciana Torres de Santana e Dom José do Despraiado, que são as duas escolas de ensino básico parceiras do projeto *Escrileituras* na cidade de Cuiabá. Em um regime de parceria e cooperação entre as Escolas e a Universidade, desde 2010 vem sendo realizadas atividades que visam o desenvolvimento da educação infantil e o aprimoramento dos docentes, dos alunos das licenciaturas e dos pesquisadores.

R4: A Casa de Cultura Silva Freire, organizadora do “Circuito cultural Setembro Freire”, evento que oportunizou a experimentação da oficina “*Bifurcações*”. Evento este realizado em memória do poeta, jurista, ativista político e professor fundador da Universidade Federal de Mato Grosso, Benedito Sant’Anna Silva Freire, cujas contribuições excedem o âmbito regional ao desdobrarem-se em um dos movimentos literários mais importantes do país, o Intensivismo¹³.

¹³ O Intensivismo é um movimento literário inaugurado em Cuiabá pelo poeta Wladimir Dias-Pino na década de 50 do século XX, que tem como principal característica o *simbolismo duplo*, isto é, outras formas gráficas são exploradas além da palavra. A manipulação da linguagem, a valorização da visualidade poética, sugestão de um novo procedimento de leitura, o caráter de experimentação e a negação da tradição por meio da invenção representam essa nova manifestação literária. Esse movimento possibilita o *Concretismo* que privilegia o processo concreto na elaboração do poema, caracteriza-se pela negação de elementos considerados indispensáveis para a construção literária brasileira, por exemplo, a cultura rural, o intimismo subjetivista; procura uma comunicação rápida, em formas e estruturas, não em conteúdos. É um movimento de vanguarda,

R5: O Instituto Cultural Voo Livre fundado pelo professor e coreógrafo Paulo Medina (in memoriam), foi o precursor da dança contemporânea no Estado de Mato Grosso e comparece nesta atividade acadêmico-pedagógico-cultural através do também professor e coreógrafo Claudiano Crhist, responsável pelo trabalho corporal realizado com os professores das Escolas acima.

DERIVA

Espaço escolar e acadêmico: salas com ventiladores ou ares condicionados, quadro negro, giz, datashow, papel, caneta, borracha, cadernos, livros, post-it, pen drive, e corpos, corpos vertical e rigidamente postos em carteiras enfileiradas; quiçá uma transgressão: um semicírculo, um palco italiano onde um mestre professor atua revelando, transmitindo as regras gerais do saber.

Nada disso! A primeira bifurcação é no espaço, a segunda é nos corpos. Numa encruzilhada da Praça da Mandioca¹⁴ o terreno nu que se abrigava do sol escaldante sob a sombra da tenda branca. Pés descalços, esparramados no chão procuram, desesperadamente, enraizar-se para garantir um pouco de estabilidade a corpos que, displicentes e temerosos, experimentam a vertigem de movimentos pendulares.

Ruídos da rua, música, o falatório à boca miúda do povo. O professor dançarino lança o convite para o jogo-brinquedo do reconhecimento dos movimentos banais e cotidianos como possibilidades de um corpo que experimenta, imita e aprende. Conscientização corporal dir-se-ia tecnicamente, mas é preferível dizer: condição mesma de produção do conhecimento objetivo e intersubjetivo. Não se trata de tomar o sensualismo como meio para a elaboração intelectual, mas da afirmação de que o próprio intelecto é corpo.

Da clausura das salas aos fluxos da rua, dos sistemas fechados aos sistemas abertos, os corpos oscilam em um ensaio coletivo de ler e escrever um poema com o corpo. Um quase-objeto flutua entre eles extrapolando as fronteiras móveis do possível.

no qual se separa língua de linguagem, experimentam-se outras formas poéticas e o conteúdo abre espaço para as formas gráficas, possibilitando a desmontagem dos poemas.

¹⁴ Praça tradicional do centro histórico de Cuiabá, onde se encontra o terreno da casa em que cresceu o poeta Silva Freire, local no qual será construída a Casa de Cultura Silva Freire.

O território das coisas cognoscíveis é ampliado quando o passe da bola imaginária cria relações entre “o de história” e “o de biologia”.

Na corrida, no chute, no compasso da performance, os conteúdos répteis e rijos dão lugar à flexibilidade dos músculos que se esticam para apreender o volátil. Os novos corpos, como avatares, experimentam a plasticidade da inteligência. Arriscam-se na invenção de reler um poema com a mão, com o pé, cabeceando-o. Em posição fetal, a defesa. Gritos de gOOL. Braços e peitos abertos. Abraços. Comemoração.

Processo mimético, repetição, coreografia. Dança para dançar poesia. Na roda as mãos dadas, mão soltas, pé direito batendo no chão, marcação, quase transe. “... e sete e oito... de novo”¹⁵. É preciso associar coordenação e memória para encadear os movimentos. Dúvidas. Recomeços, muitos! Dançarinos sempre erram e repetem. Da falha na repetição, a fala que tudo resume: “Do erro veio a ideia.”¹⁶

ENTRE

Preposição essencial, cuja função é ligar. Mas ligar o quê? Na língua portuguesa liga substantivos entre si, mas também estes a verbos, adjetivos, advérbios e assim por diante. Nesta dissertação denota os espaços interdisciplinares. Conforme Serres (1997) o *entre* é o volume interdisciplinar que permanece inexplorado. É pura potencialidade, na qual não se opera senão através da criação. Não sabemos como Hermes viaja, não conhecemos os espaços que percorre, é preciso imaginar o deslocamento e o espaço.

Como é que se opera uma bifurcação na formação de professores? Ainda, como se faz isso aproximando poesia, dança contemporânea, filosofia e uma dissertação de mestrado? Eu não fazia, a princípio, a menor ideia. Então, estabeleci algumas linhas gerais: pensar a formação de professores como formação humana em sua totalidade; tornar a Oficina um espaço de experimentações estéticas e epistêmicas; criar bifurcações *entre* filosofia, arte e ciência.

Ao propor a produção de uma leitura corporal do poema, num território não acadêmico e não escolar, isto é, afastado da verticalidade, da rigidez e das disciplinas, o

¹⁵No jogo de linguagem das aulas de dança esta expressão indica o comando do professor para que o exercício seja iniciado ou retomado.

¹⁶ Frase dita pela professora ao errar a execução da coreografia criada durante a Oficina. A partir do erro da professora o coreógrafo cria um novo passo e incorpora-o à coreografia e então ela diz com toda a espontaneidade, essa frase genial.

objetivo foi explorar com a fluidez do pensamento e do corpo, a elaboração de um discurso científico e corte de epistemologia, que se fundamenta na criação de estabilidades singulares em meio aos fluxos gerais.

Consistiu em uma tentativa de criar conexões, passagens *entre* as disciplinas, mas acima de tudo, foi um esforço de romper com o modelo Maria-Héstia, dos sistemas fechados do tear e das salas, onde, conjuntamente, professores e alunos produzem violentamente o desaparecimento dos corpos ao tomá-los como condutores de cinco canais periféricos. Por que esse horror à carne?

A Oficina *Bifurcações na formação de professores* foi um exercício interdisciplinar, uma tentativa de vertigem. Partiu do pressuposto de que o conhecimento é aumentado na medida em que ensinamos e aprendemos, de que é acima de tudo experimentação muscular e amorosa. Apenas um sujeito epistêmico com pensamento ósseo, cardiovascular, passional, é capaz de ler um poema com o corpo.

TRANSUBSTANCIAÇÃO

O corpo humano bípede em estado nascente logo se viu em perigo, “num falso equilíbrio entre movimento e liberdade”, sua cabeça “solta”, “parida” precisou pensar, mas não sabia o que significa pensar, então, rapidamente eliminou a dúvida decidindo-se pelo agir; usou as recentes e *desuteis*¹⁷ mãos para construir sua morada. A humanidade ereta nasce e com ela o primeiro *cogito*: construir uma habitação para proteger sua cabeça “nua” (SERRES, 2004).

A primeira atitude do homem foi construir uma morada entre seu corpo e o mundo. Separados dos outros animais e da natureza desde o início, não cessamos de provocar cisões e de nos aparelhar. Especializamo-nos para criar objetos técnicos que nos liberam da fadiga, suportes que ampliam nossa capacidade de memória e nossa produtividade. Atualmente o mais simples dos homens, com o mais simples dos medicamentos cessa dores e infecções que mataram reis de outrora.

Somos os únicos animais na natureza cientes da própria finitude e por isso a morte, na maioria das vezes, acaba por modelar a vida, apesar de extingui-la ao final. Foi pela certeza de que arriscava a vida que o bípede recém-constituído transformou as mãos soltas em morada. Sim! Os artefatos que construímos são nossos corpos

¹⁷ Neologismo de Manoel de Barros, *idem*.

espalhados pelo mundo. A roda faz às vezes das articulações; antibióticos são o próprio funcionamento celular do sistema imunológico maximizado e sintetizado em laboratório; hardwares e softwares são suportes externos para nossa intrínseca capacidade mimética e inventiva.

Os avanços científicos e tecnológicos garantiram à humanidade novos corpos para habitar um novo mundo. Liberados da tarefa primeira de garantia da sobrevivência, os corpos agora podem criar. Mas o que criamos? Em lugar da experimentação deste refinado estado de liberdade buscamos o equilíbrio, porém, sem compreender que ele não provém da rigidez, nem do quadrado. Cortamos as amarras, mas não nos libertamos. Inventamos a ciência para que, com a evolução e o progresso, vivêssemos melhor; mas não vivemos.

A humanidade não vive melhor porque inventou o conhecimento. Ao contrário, nossos excedentes erradicariam a fome e a dor de uma maioria desconfirmada pelo desvio do nosso olhar, mas preferimos usar nosso saber e nossos “corpos obesos e inchados” para “pavimentar-lhes o inferno” (SERRES, 2003). Ir em direção ao infinito de possibilidades que são os outros e o mundo exige do corpo um afastamento do equilíbrio. Requer coragem. A morte, por fim, funda a moral.

Na construção das epistemes, as ciências se afirmam por proposições que se movem entre o necessário e o contingente, entre o possível e o impossível. Há aí uma relação funcional entre os enunciados e suas referências. Nesse fazer, o modelo analítico garante objetividade à produção científica, o que lhe confere primazia em detrimento das performances corporais. Mas, “a palavra voa, a carne produz”; nada pode ser conhecido sem que primeiro esteja no corpo inteiro (SERRES, 2004).

Não obstante, quando o corpo comparece nas discussões epistemológicas, não raramente, ocorre pela via empirista, na qual os sentidos são meio para produção do conhecimento, porém, o que quero ressaltar é que é possível pensar as relações entre o corpo e o saber—e por decorrência, entre saber e violência—a partir de outro lugar que não o centro. Dito de outro modo: é possível pensar essa relação por uma via que não é nem a do paradigma empirista, nem do racionalista.

“Em resumo, o corpo não se reduz nem à fixidez nem à realidade: menos real do que virtual, ele visa ao potencial, ou melhor, ele vive no modal” (SERRES, 2004). Mas, a concepção do corpo como modo de relação, e em especial relação com o saber, passa longe de nossas instituições acadêmicas e escolares, focadas no desenvolvimento do

trabalho especializado eficiente e produtivo. Esta é uma das instâncias da relação interna que a ciência estabelece com a violência.

O paradigma da especialização, cujo plano de fundo é o modelo analítico de investigação, é um desdobramento da ciência moderna que se instala nas instâncias pedagógicas sob o sino da organização disciplinar das áreas do conhecimento. Por essa via, a racionalidade da fragmentação se inscreve na sociedade, gerando descontinuidades entre as ciências humanas e as ciências exatas, por exemplo. Pode-se dizer que há aí um regime de exclusão epistêmica, não em sentido vitimizador, mas no que se refere à constituição de grupos fechados que não dialogam entre si.

A exclusão é, em última instância, exclusão dos corpos, pois é neles que o conhecimento se produz. Se a morte funda a moral é porque são os corpos que morrem, mas também são eles que nascem e renascem após cada *bifurcação*. O *Terceiro instruído* é o personagem conceitual que traz a disposição dos corpos renascidos, do acordo selado na passagem, no *entre*. No *corpo-bifurcação* o verbo encontra a carne, a proposição se amalgama à referência. Somente no corpo a violência pode ser negociada e os contratos assinados.

Os paradigmas epistemológicos são alguns desses contratos que firmamos para abrandar as asperezas inerentes à produção de saber e às práticas pedagógicas em geral. Parece-me que, dentre os paradigmas disponíveis no mercado dos métodos, a interdisciplinaridade mostra-se menos agressiva, uma vez que denota um pensamento de composição e não uma tentativa reducionista de unificação das disciplinas.

Entretanto, um discurso epistemológico acerca desse paradigma só pode ser elaborado a partir de um discurso filosófico que pense as epistemes desde outro lugar que não o da identidade, o do ser. É necessário que considere mais as relações do que as extremidades, mais a criação do que a crítica e a reflexão, mais as aproximações do que os encadeamentos, mais o sensualismo do saber do que seu aspecto lógico-formal. Enfim, um discurso que diga menos da permanência e mais do efêmero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Editora Loyola, 2005.

BARROS, M. *Livro sobre nada*. São Paulo: Record, 1996.

DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2006.

_____; GUATTARI, F. *Mil platôs capitalismo e esquizofrenia* V5. Coord. trad. Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____; _____. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. E Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

LALANDE, A. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LUCRÉCIO. Da natureza. In: *Antologia de textos – Epicuro. Da natureza – Tito Lucécio Caro. Da república – Marco Túlio Tito. Consolação a minha mãe Hélvia; Da tranqüilidade da alma; Medéia; Apocoloquintose do divino Caludio – Lucio Aneu Sêneca. Meditações– Marco Aurélio*. Trad. Agostinho Silva, São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Coleção os Pensadores)

NIETZSCHE. Sobre verdade e mentira no sentido extramoral. In: *Obras Incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho, São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores)

Ramos, I.N.A. Silva Freire: Um garimpeiro de palavras. Revista Crioula, nº 02, nov. 2007. Disponível em: www.revistas.usp.br/crioula/article/view/53582. Acesso em: 06/08/2013.

SERRES, M. *Hermes: uma filosofia das ciências*. Trad. Andréa Daher. Org. Roberto Machado e Sophie Poirot-Delpech. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

_____. *As origens da geometria*. Trad. Ana Simões e Maria da Graça Pinhão. Lisboa: Terramar, 1997.

_____. *Diálogos sobre a ciência, a cultura e o tempo – conversas com Latour*. Trad. Serafim Ferreira e João Vaz. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

_____. *O nascimento da física no texto de Lucrécio - Correntes e turbulências*. Trad. Péricles Trevisan. São Paulo: Editora UNESP; São Carlos: EdUFSCAR, 2003.

_____. *O terceiro instruído*. Trad. Serafim Ferreira. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

_____. *Os cinco sentidos – filosofia dos corpos misturados*. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. *Variações sobre o corpo*. Trad. Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

Setembro Freire g00l 2013:Catálogo./ Casa de Cultura Silva Freire. Cuiabá: Entrelinhas, 2013.

SHAKESPEARE, W. *O mercador de Veneza*. Trad. Barbara Heliodara. São Paulo: Saraiva de bolso, 2012.

Silva, R.R. e Lima, E.P. *Ultraje Vanguardista: Wladimir Dias Pino e o Poema-Processo*.

RevLet – Revista Virtual de Letras, v.04, nº 01, jan./jul, 2012. Disponível em:

www.revlet.com.br/artigo/140, acesso em: 06/08/2013

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e pensamento entre os gregos*. Trad. Haiganush Sarian. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

ANEXO

g00l/ círculo azul a0 sul d0 azul:

a. abstração geométrica do gol

– e o poema dessa raça esportiva, onde anda?

– está aqui, no g00l/ círculo azul a0 sul d0 azul...

O estádio arredonda

n0 grit0

n0 pul0

n0 Our0

a ge0metria

n0 mur0

O sap0 saliva O sald0

impress0

n0 sald0

d0 ingress0

a linha que se inscreve n0 lance

/a0 alcance da meta/

Permanece

n0 pé/ em n0vel0

O retângulo arqueia a defesa

se arma de ângulo

na gula d0 0

... é n0 estádi0

as retas do g0l

se emOlduram de lad0s

n0 flash da escrita

subscrita

n0 s0c0 que v0a

O tirO de cantO

alinha seu estilhaçO
esquinandO O assObiO

a palma que espalma a redOnda
arredOnda

O invento dO sustO

O empuxO dO punhO

conjura O perigO
cOnfere aO enredO que tenta

sergrdO de alívio

O tirO de meta

devOlve O inteirO
dO projetO que rOnda

nO estádiO

a Oficina dO drible
Oficía o ritual
dO enstusiasmO

é no sumO-limãO

nO pique do gelO

nO imã da mão

que O massagista credita

O recadO

que recita

O massagista esfrega

na alma dO atleta

a liçãO escrita na mão

O craque cOrrige a legislaçãO

na invençãO cOreOgráfica

nO gráficO instante

que inaugura O placar

O **bandeira** enxuga O afogado na banheira

–de chapéu

nO chuveirO

O craque não molha

A memória...

Os deus dos estádios

se ajoelha nO altar de si mesmo

santificadO do de gol

e se agradece/de dentro da alegria dO gol

na cadeira cativa

é O imóvel que torce/

cativO

a arquibancada se despenca

nO sorriso que chove

dimensionandO a plasticidade dO gol

na ginga dO conhecer

as equipes se tocam

sanfOnando O ritmo tático

a torcida se desfibra

nO remanejO dO esquema

nO recuO sem tranca

na palidez dO placar

a galera se organiza

se aquece de orgulho

nO quente da frigideira

nO grito dO tamborim

nO compassO

nO passO
que passa
O passe

na tribuna de hOnra

O Olho/OuvidO/sOlene
assenta nO ver o binÓculO
bambOlinando O discretO que Ouve
cOncavadO na palam da maÕ

O cOmentarista
radiOfoniza a impssãO visual
tecida nO tOque da dúvida

O narradOr

prOfissiOnaliza O sinal da linguagem que edita

O repÓrter de campO

Pede O aparte
cOmparte
e parte a imfOrmaçãO

é nO estadádiO
que a alma se curva
cOmO cOrbeille de músculOs
musicadOs

O bilheteirO antepÕe

nO OlímpicO do trOcO
o *quantum* da quadartura dO gOl

a bOla carrega nO courO

–fragmentOs de letras partidOs de gOl

na boca da noite
nO peitO dO pOvO

na boca de vidro
no ensaio da pólvora
agitando a bandeira
se arma de forma
O programa que explode
Na bolha de ar

No jogo do t0ss
vira e brilha
a infância da bola
revira no espaço
ante-projeto de gol
da grande área
a meia-lua desenha em círculo
no completo quer rodilha na rede/
bojuda de gol
nas cuias dos reflet0res
O esférico aquece seu cont0rno

O artilheiro se calça
se alça
e se alcança
na posse do Onze
na posse de aplauso
na leitura do gol

O avante se esculpe
no feito que emplaca
O fim do gol-de-placa

A bolsa d'água/ Onde sacode o socorro/
redondeia se perfil
na pausa da flauta o apito

O geométrico da cal
Higieniza de verde

O pOrnOgráficO dO pique perdido

A tOrcida se cOntOrce

quandO O craque

tOrce O lençOl

nO bancO

O regra-3 encurva a tOrcida

nO braço que amarra

aplásticO assensO

O gandula

adula

a gula

que pula/ de braços abertOs

O expulsO se cOnfessa:

– senhOr/ me(u) dia (de) dOr...

O OlhO aladO tripla O apitO:

– fOtOtaxia nO sistema métricO

na marca de pênalti

O gOleadOr retOrce seu transe

ritimandO a retÓrica dO gOl

O estádiO se Ordena

nO girO

na letra

nO rOl

da rOleta

o árbitrO

gagueja a velOcidade dO lance

na emplusãO dO pOnta-de-lança

O placar se eumera

se ilumina

de ímpar

a par
de imparcialidade eletrônica

al í/no estádio
Onde se alinha o senso épico do povo

da linha de *corner*
O canto assopra a confrontação do gol

O goleiro se transborda de solidão
na borda do cálix
desenhado de pênalti

a multidão se completa
na euforia do ver
na lividez do empate
na espiral do retorno

não rebote
O ramador rema
O arremate do gol

não meio do campo
O grande círculo
circula sua metade

a barreira se encolhe
se enrola
enrola
rola
nó fuso da bola
– corola

O tiro na trave
acende
a centelha

dO centrO avante

O gOleiro faísca seu vôo

Na explOsãO que bOmba

nO travessãO

dO ventre/ estádiO

juncO

sem Ovante

verde

irrOmpe a pintura dO drible

rOmpe O desenhO dO sOnhO

nasce O pOema na malha que lê

na bOca dO túnel

O técnicO teOriza

a técnica dO inabOrdadO

a rÓtula azul

cOnfere aO verde:

sOberania atlética

cidadania estética

O triO de frente

Triangula as jOgadas

beijafIOrandO

O certificadO dO gOl

O frangO

leva a bOla

O gOgO

que agOra O aplausO

de tapa O gOleirO

destampa O telhadO dO gOl

entre a sOla

a fratura
e O surur
a bOla pedindO chute

na Orla da grama
a firula
afina a bOca que finta

a canela dO craque
se quadra
esquina
nO *chicOte* que surra a pelota

nO atrasO da bOla
O zagueirO
escritura O *lançamentO*

e a multidãO se desintegra
prOcissiOnalmente
levandO seus estandartes
retratos dOs santOs astros
nO encantO dO gOl dinamitadO

O estádio fica sentadO
templo OcO
riscandO de ritmO
mOrdidO de gritO
trilhadO nO apitO
templo OcO
OcO

estádiO vazio
híbrido ser
geral
impessOa

nO vOlume dO jOgO
O abstratO
cOmpacta O cOnjuntO

g0001/ círculo azul
a0 sul
d0 azul¹⁸

¹⁸ Poema g001, do poeta Silva Freire, tema do Circuito Cultura setembro Freire no ano de 2013 e da Oficina Bifurcações na Formação de professores. A citação foi feita em desacordo com as normas da ABNT devido às necessidades impostas pelo caráter gráfico da obra. Grifos e formas de acordo com o original. Conforme: Setembro Freire g001 2013:Catálogo./ Casa de Cultura Silva Freire. Cuiabá: Entrelinhas, 2013.